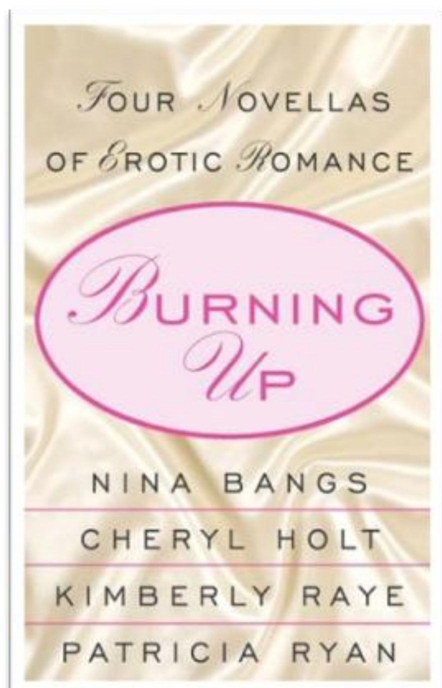


A noite de núpcias

Cheryl Holt

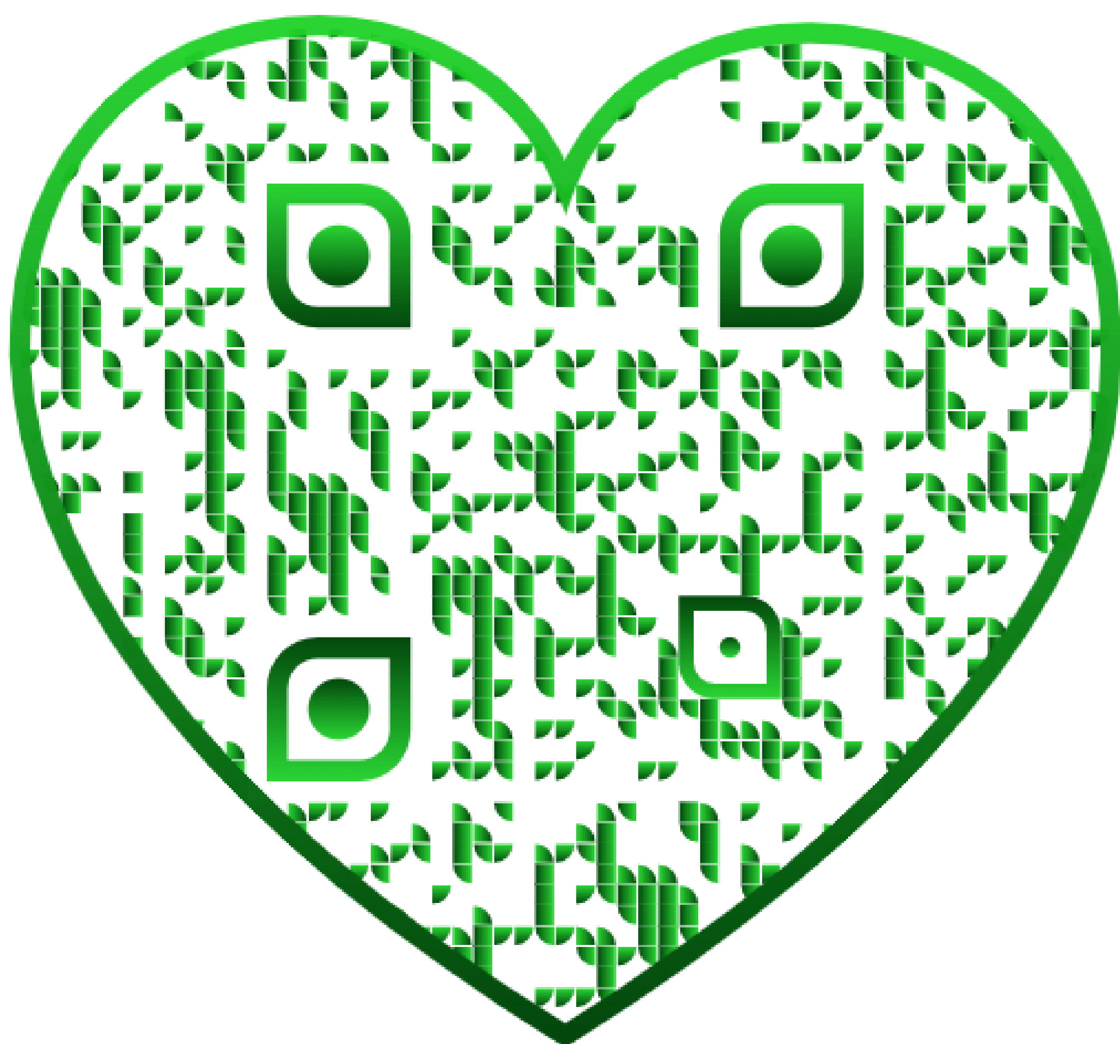
DENTRO DA ANTOLOGIA BURNING UP

TRADUÇÃO DO INGLÊS
Envio e formatação: *Gisa*
Revisão Inicial: *Hanne*
Revisão Final: *Andrea Guimarães*
Tiamat – World

A inocente Ellen Foster deixará completamente assombrado a seu marido, o Visconde Banbury, quando, horas depois de celebrar seu matrimônio por conveniência, transforma sua casta câmara nupcial em uma guarida de prazer carnal...

Comentários da revisora Hanne: Uma estória curtinha, leve e envolvente. Uma mocinha determinada, que sabe o que quer e que faz de tudo para ter a tão sonhada noite de núpcias. Ah, e que torna-se um “tormento” para seu marido.

Comentários da revisora Andréa: Apesar de ser curta, a estória é bem interessante.



Capítulo um

Londres, 1815

—Bem, boa noite lorde Banbury.

—Boa noite.

Stephen St. John, Visconde de Banbury, eventualmente, Conde de Stafford, se seu obstinado pai, já estivesse morto, olhou para a intrusa, que agora era sua esposa, desde as dez horas. O silêncio era prolongado, a despedida crescia desajeitada.

Que réplica, precisamente, um homem supostamente deveria expressar em um momento como este? *Dormiu bem? Teve sonhos agradáveis? Vemo-nos pela manhã? Ou mais apropriadamente, o que eu estava pensando, ao casar com uma mulher que não conheço? Enlouqueci?*

Nada parecia apropriado. Surpreendentemente, ele ficou vermelho, as bochechas aquecendo-se com uma dose de constrangedor desconforto.

Os convidados do casamento tinham ido embora, a casa tinha sido arrumada pelo que restava de seu pessoal interno, e ele ia sair também, quando tropeçou com sua "flutuante" esposa descendo as escadas. Ela estava escassamente vestida; vestia uma lingerie verde e um diáfano penhoar que mal cobria tudo o que deveria estar coberto. Aparentemente, tinha concluído que ele já tinha saído para seu divertimento, assim acreditava estar sozinha na grande e espaçosa casa. Incapaz de dormir, desceu para buscar um refresco relaxante.

O cabelo dela era loiro, a sombra de trigo amadurecido. Estava solto e pendendo abaixo de suas costas, escovando sua parte inferior; e ele ficou gravemente perturbado pela exposição. Ela estava muito adiante e segura, pavoneando-se em sua roupa de dormir ante um homem desconhecido, mas não parecia perturbada.

Sim, ele era seu marido, mas não obstante, eram estranhos.

Mesmo não querendo, avaliou sua graciosa figura. Era apenas humano! Não podia se esperar dele que evitasse olhar para o que era ostentado em clara visão.

Ela era muito bem feita, e ele se contorcia desconfortavelmente, inspecionando o chão, só para ser confrontado por seus pés.

Suas unhas estavam pintadas de vermelho! O salpico de carmesim brilhante no aborrecido salão parecia imoderadamente sensual, fora de lugar, incongruente e incompatível com o indivíduo, que ele imaginava que ela fosse.

Normalmente, ele era um urbano, sofisticado companheiro, conhecido e louvado por sua altivez, seu porte e equilíbrio, e, sobretudo, por seu jeito com as mulheres. No entanto, com sua nova noiva, estava transformado em um acanhado, desajeitado, e simplório.

Logo no início do dia, quando ela valsava no salão, pontualmente às onze, ele comportou-se como um burro. Ao longo da breve cerimônia, em seguida, na tarde de brindes e celebração, e

a refeição interminável que tinha embrulhado as festividades, ele constantemente tropeçava em si mesmo, dizendo a coisa errada, fazendo a coisa errada e, em geral fazendo papel de bobo.

Ela provavelmente presumira que tinha casado com um palhaço imbecil. Ele estava vadiando na porta, agindo como um idiota, incapaz de se afastar, mas incapaz de manter qualquer tipo de conversa inteligente.

—Não me deixe atrasá-lo, disse ela gentilmente. Mostrando-lhe as costas, caminhou até o outro lado da sala, onde surpreendentemente, serviu-se um copo de conhaque.

Durante a excessiva, prolongada festa, ele olhava-a secretamente. Quando seus selvagens e turbulentos amigos ainda não estavam presentes, ela nada tinha para beber. Enquanto tinha incessantemente uma bebida na mão, ele não a tinha visto tomar mais que um gole. Então, por que isto agora?

Ele estava acostumado a relacionar-se com tipos de senhoras bastante decadentes, então normalmente não teria preocupado-se se ela tivesse bebido ou não. Normalmente, não prestava atenção ao que uma mulher fazia ou não fazia. Mas incomodava-o descobrir que ela estava tão perplexa com os eventos que poderia tranquilamente deliciar-se com uma bebida.

—Aproveite a sua... festa, acrescentou. —Tenho certeza que vai ser muito divertida.

Desde o início, reconhecia que ela tinha uma voz rouca, tipo *"vem cá".* Quando falava, sempre soava como se estivesse à beira de mencionar uma proposta indecente. Assim, era difícil concentrar-se no conteúdo de seu discurso, porque as palavras perdiam-se no timbre sensual de qualquer enunciado.

Estreitando o olhar, estudou suas arredondadas nádegas, tentando deduzir se ela estava zombando dele. Ela estava brincando? Estava falando sério?

Tinha que estar brincando. Tinha que ser!

Embora ela pronta e livremente rendeu-se ao seu ultimato de que o deles seria um casamento de conveniência, como poderia ela maliciosamente aquiescer à sua pressa de saltar com outros em sua noite de núpcias? Era genuinamente desinteressada sobre onde ele ia ou o que fazia? Realmente não tinha nenhum sentimento em relação ao assunto? Que mulher, que esposa! Poderia ser tão tolerante, tão impassível? Que tipo de pessoa ela era?

Lá estava o cerne do seu problema. Ele não tinha ideia.

Ela era americana, e ele conhecia muito poucos em seus vinte e nove anos, então a explicação para sua peculiar apatia podia estar enterrada no fato de que era uma estrangeira. Talvez as mulheres americanas considerassem seus homens num padrão mais baixo. Entretanto ele duvidava disso. A cultura e a educação contrárias não podiam alterar tanto os básicos instintos femininos!

Por natureza, as mulheres são possessivas, ciumentas e desconfiadas. Todas com quem ele flertou exibiam essas tendências desagradáveis, e sua esposa, no fundo, não poderia ser diferente. Relutantemente, foi forçado a admitir que ela não estava preocupada com seu rude trote largo, porque não se preocupava com o casamento mais do que ele fazia.

A constatação irritou-o enormemente.

Por fim, percebeu que seu namoro foi rápido, abrupto; uma união como um simples negócio. Ela, Ellen Foster, de vinte e cinco anos de idade, filha de um rico magnata de moinho de algodão de Massachusetts, queria um título inglês que o dinheiro do pai podia comprar. Ele renegado, deserdado, empobrecido e libertino, precisava de uma infusão rápida de dinheiro para que pudesse esfregar no nariz de seu teimoso pai, e para que pudesse prosseguir com o estilo de vida depravado, perverso em que tanto prosperava.

A pragmática solução conferia benefícios infinitos para ambas as partes, mas, evidentemente, ela abraçava todos os termos, aqueles por escrito, bem como aqueles sobre os quais concordaram em particular.

Como a noção disso o irritava!

Ela virou-se na direção dele, assustando-o com seus impressionantes olhos. Aqueles olhos invariavelmente causavam-lhe surpresa, espantando-o com a sua intensidade, sua consideração e reflexão aguda. Quando olhava diretamente para ele, tinha a sensação estranha de que ela discernia muito mais sobre ele do que devia, que entendia muito mais do que convinha ou justificasse.

Ela derrubou o copo. —Você gostaria de um uísque antes de ir?

—Por que não? Respondeu, pensando no que o possuíra para demorar-se ali. Ela retornou para o aparador para encher um segundo copo, e ele meticulosamente avaliou-a.

Por muitos meses, tinha perdido tempo em Londres, ostentando seus bens e enviando inquéritos preliminares de vários pretendentes em potencial, mas eles não se cruzaram no turbilhão social. Seu contato inicial veio através de um advogado que tinha se aproximado dele de forma confidencial, e lhe tinha sido fornecido um contrato financeiro e uma proposta surpreendente, um casamento de conveniência.

Nenhum cavalheiro são, especialmente um em sua condição fiscal medonha teria recusado sua oferta.

Originalmente, tinha pensado que a decisão dela tinha sido precipitada e, inadvertidamente, sem garantias. Após uma análise mais aprofundada, tinha ficado com a assustadora convicção que sua escolha não foi aleatória no mínimo, que era uma negociadora astuta e intrigante que tinha levantado informações dos candidatos viáveis, e que tinha se decidido por ele, por razões que permaneciam um completo mistério.

A mulher não era covarde, sem dúvida, sabia como proceder para obter o que queria, e obviamente queria *ele* e nenhum outro.

Antes do casamento, ele reuniu-se com ela somente uma vez, no escritório do advogado, mas ela estava cercada por seu pai, um grupo de parentes do sexo masculino, e vários seguranças. Conservadoramente vestida, tinha os cabelos puxados para cima em um estilo severo, e, depois que ele lhe propôs, foram autorizados a conversar por alguns fugazes minutos antes que ele fosse bruscamente empurrado para fora. Suas memórias dela, e o compromisso fatal estavam tão desorganizados, breves, dispersos que ele lembrava-se dela como sendo uma morena!

Ela parecia convencional, adequada, educada, e média, qualquer insinuação de que poderia ser bonita ou atraente havia sido prudentemente disfarçada. Como olhava estupidamente

para ela agora, dissecando a silhueta e os contornos que eram perfeitamente delineadas pelo fluir de seu robe, ficou chocado ao sentir um fremir de desejo. A temperatura na sala abafada de repente se tornou mais quente, a sua pulsação um pouco mais rápida, e suas calças cresceram inexplicavelmente apertadas.

Em toda realidade, ela era impressionante, mas, ilusoriamente, em sua introdução inaugural, ela escrupulosamente escondeu suas características favoráveis atrás de uma sisuda touca e um vestido que não lhe fazia jus. Ela tinha uma excelente altura, nem baixa nem muito alta, e era magra, mas com curvas, onde uma mulher deve ter, e ele não podia deixar de reparar como seus confinados seios encontravam-se contra o tecido da camisola quando se movimentava.

Era encantadora. Não uma beleza grandiosa como eram algumas das mulheres com quem ele regularmente confraternizava, mas tinha características agradáveis, sobrancelhas aladas, maçãs do rosto altas, um nariz atrevido, uma boca tentadora. E aqueles olhos magníficos. . .

Anteriormente, seu caráter distintivo não os tinha registrado, e, neste momento final, não se importava em notar. Não quando tinha a intenção de furar seu acordo platônico. Quando o negócio tinha sido fechado, deduziu que estava recebendo um cônjuge, simples, modesto, e agora estava assustado ao saber que tinha sido enganado.

Se ele tivesse menosprezado seu semblante tão terrivelmente, quando foi várias vezes aclamado por suas habilidades com o sexo mais justo, o que mais poderia ter esquecido, na pressa para casar?

Girando sobre si, ela caminhou em sua direção, segurando sua bebida, e, quando colocou o copo em sua mão, seus dedos arrastaram-se através dele. Ele franziu a testa. O gesto tinha sido quase calculado, planejado como uma carícia.

—Você gostaria de se sentar comigo um pouco? Perguntou ela. —Como todos já foram, a casa está muito calma. Assim, gostaria da sua companhia.

Sem parar para saber sua resposta, ela passeou para o sofá, seu rápido movimento fazendo a bainha de seu penhoar se alargar para fora e parar em seu joelho e coxa. Disfarçadamente, ele cheirou seu perfume, um aroma limpo e charmoso que lembrava tardes de verão e flores frescas.

Ela moveu-se sobre o sofá, enquanto ele estava sentado em frente e, como ela não se importasse com a propriedade de qualquer forma, foi presenteado com uma soberba vista dela aninhada contra o braço. Descansada, ela enrolou as pernas sobre o assento, e sua camisola levantou-se, revelando um delicado pé, uma suave panturrilha.

Ele não conseguia parar de olhar.

Vagarosamente, provou seu uísque enquanto examinava-o com um sorriso astuto, e ele não conseguia parar de especular sobre o que estava passando dentro de sua cabeça. Sua doce língua cor-de-rosa agitou-se e beliscou uma gota de uísque agarrada à borda do copo. Assim como ocorreu com os dedos pintados de cor escarlate, ficou fascinado por aquela língua, fascinado pela sua cor e forma, encantado com as possibilidades que ela representava.

Ele deu a si mesmo uma boa sacudida. Tanto mentalmente quanto fisicamente. Tinha sido um dia tedioso, com uma noite difícil ainda por vir. Ele estava apenas cansado de tanta diversão, e

a fadiga lhe fazia ver coisas que não estavam lá, induzindo-o a supor sobre detalhes sem significado algum.

—Que dia! — exclamou ela, aparentemente lendo seus pensamentos.

—Sim.

—Estou exausta. Ela arqueou as costas e se espreguiçou. —E você?

O movimento pressionando seu seio para cima e para fora fez com que seu penhoar deslizasse para baixo, expondo um ombro. Seus sedosos cabelos moviam-se em uma onda brilhante. Ela parecia devassa, convidativa, como se estivesse esperando um pretendente ou tivesse acabado de chafurdar em brincadeiras clandestinas.

Ele podia imaginar todos os aspectos dos seios, a massa, a forma, a amplitude. Nem muito grande nem muito pequeno, apenas tinham o tamanho certo para um homem apreciar. Seus mamilos estavam eretos do ar fresco da sala e do atrito com o tecido macio de seu penhoar. Podia imaginar qual seria a sensação de apertar a suave protuberância entre o dedo indicador e o polegar, quão estimulante seria lavá-los com sua língua.

Ela se contorceria e gemeria baixinho, e ele lamberia mais abaixo enquanto. . .

Sair, ele realmente, realmente precisava sair!

—Não estou cansado, no mínimo, mentiu ele.

—Ansioso para divertir-se na cidade?

—Sim, mentiu novamente.

Na realidade, não tinha apetite para passear por Londres, em sua noite de núpcias. O que diria às pessoas? Como explicaria?

Aqueles que o conheciam, bem como aqueles que não —antecipariam que ele, Stephen St. John, o famoso libertino e notório usuário de mulheres, estaria aconchegado entre os lençóis com sua nova noiva. Não apenas esta noite, mas talvez pelos dias vindouros. Quem em sua total racionalidade deixaria passar a oportunidade de iniciar devagar e deliciosamente sua rica e virginal esposa em seu papel matrimonial?

Não confiou a ninguém o pacto que fez com ela durante a conversa exclusiva antes de seu casamento. Sem rodeios, informou-lhe que não queria uma esposa, que nunca imaginou casar-se, o que significava que requeria muito pouco dela no modo de obrigação matrimonial.

Ela estava tão ansiosa para partir que tinha consentido à sua ordem, entendendo suas estipulações de solidão e independência sem uma queixa ou reclamação, afirmando que não tinha nenhum problema com seu pedido e que lhe permitiria continuar com seus hábitos de solteiro.

Na época, sua concordância parecia uma dádiva de Deus, e ele acolheu insolentemente sua complacência em cumprir seu mandato, mas isso não era o tipo de coisa que se poderia discutir com os companheiros. Também não era notícia que apreciaria ver circular pela cidade.

Portanto, uma vez que terminassem suas bebidas, o que inferno sangrento ele devia fazer consigo mesmo até o amanhecer?

—Seus amigos são muito *interessantes*, ela anunciou.

—Você está sendo extremamente generosa em sua descrição deles.

—Estava imaginando se você vai entretê-los aqui em casa, ou se vai encontrar-se com eles em outro lugar? Fiquei curiosa se, na ocasião, serei obrigada a atuar como sua anfitriã.

Internamente, ele gemeu. Aqui estava uma outra faceta do matrimônio que tinha descontado em seu entusiasmo impetuoso para impedir sua herdeira. Ao longo dos anos, seu domicílio tinha sido aclamado como o cenário para vários e diversos divertimentos lascivos. Seu bando de amigos selvagens, bárbaros infestaria a residência, e ele estaria mais do que feliz em acomodar seus vícios, mas não poderia persistir com suas festas indecentes e sem horário, agora que sua esposa estava no local e determinada a fazer disto uma casa.

—Não, vou poupar-lhe a irritação.

—Não me importo se você os trouxer.

—Obrigado, mas nos socializaremos em meu clube. A última coisa que ele precisava era que Ellen conhecesse qualquer um de seus dissolutos companheiros. As histórias que poderiam contar a ela o fez estremecer.

—Devo contar com a sua presença para o jantar? Ou estarei livre para ajustar minha agenda sem ter em conta a sua?

Ela colocou a questão com uma grande dose de apatia, como se não fosse se importar se ele não a acompanhasse. Sua audácia o irritou. Em sua arrogância. Em seu orgulho. A maldita mulher não o queria próximo? Não se irritaria em não saber onde ele pudesse estar ou o que poderia estar fazendo?

Amuo e irritação tinham respondido por ele: —Juntar-me-ei a você para a ceia cada e toda a noite.

—Você tem certeza?

—Sim.

—Piedade, ela murmurou.

Ele não poderia tê-la ouvido corretamente! —Eu imploro seu perdão?

—Bem, eu tinha intenção de... cortou a frase, atordoando-o com aquele sorriso esperto novamente; ela suspirou, depois se inclinou mais perto. —Nós somos adultos, então acho que posso ser sincera.

Depois de sua longa hesitação, ele vociferou: —Sobre o quê?

—Tenho um amigo que gostaria de visitar. Muito discretamente, claro. E tenho certeza que você e sua amante, qual é o nome dela? Srta. Poundstone? Gostariam de continuar com sua habitual rotina.

Ele tinha acabado de tomar um gole de uísque, e se engasgou com ele, tossindo e arfando enquanto lutava para absorver tudo o que ela tinha acabado de dizer. Ela estava contemplando ser-lhe infiel? Havia sido informada de seu prolongado affaire com Portia Poundstone?

Havia tantas respostas contundentes que ele poderia dizer que estava tonto de separá-las.

—Você tomaria um... um... amante? Nunca lhe tinha ocorrido que ela podia fazer isso, e ele estava furioso com a perspectiva, de modo que se esforçou para imbuir descontração em seu tom de voz, recusando-se a deixá-la descobrir como estava perturbado por sua divulgação.

—Encontrei tantos homens fascinantes enquanto estive em Londres, e sou casada agora. Onde estaria o dano?

—Sim, mas o que as pessoas vão dizer se você for perpetuamente vista com cada libertino disponível? Ele balançou a cabeça, aturdido, incapaz de acreditar que o comentário tinha saído de sua própria boca. —Não tenho uma reputação imaculada, mas estou com medo, neste caso devo colocar meus pés no chão. Você não pode, absolutamente não.

—Isso soa como um édito conjugal, lorde Banbury.

—Chame-me de Stephen, queixou-se. Ela chamou-o de Banbury durante todo o dia, e ele estava começando a se zangar. Ao longo da recepção, sempre que ela se referia a ele por seu título, as testas das pessoas tinham-se levantado.

—Pensei que teríamos um casamento não-tradicional. Que teríamos a liberdade de continuar como estávamos satisfeitos.

—Sim... Bem...

Ele limpou a garganta, seu colarinho apertado. Insistiu que a autonomia era para si! Não para ela! Como ela poderia ter considerado isso de outra maneira? Como tinha mal interpretado uma eventualidade tão vital, havia, sem dúvida, todo tipo de situações sobre as quais eles precisavam conversar. O que mais ele seria obrigado a esclarecer?

—Alguns comportamentos são inadmissíveis, Ellen. Certamente, você pode entender esse fato.

—Como quiser, ela admitiu enquanto girava graciosa e distraidamente um dedo em volta da borda do copo. —Se você quer restringir meu comportamento, devo ainda sofrer com a presença da Srta. Poundstone? Isso não parece justo.

Eriçado, corou de novo, sustentando uma absurda pontada de embaraço em rever o tema de sua amante com ela. Ela era totalmente desprovida de decoro? Será que não tinha qualquer noção de decoro e decência?

—Ellen, —repreendeu-a delicadamente, —não é adequado você mencionar o tema da Srta. Poundstone para mim.

—Por quê? Nós não temos um casamento normal. O que há de impróprio em conferir mais sobre as condições em que progrediremos?

Ela parecia tão malditamente inocente. Ele fez uma careta, sentindo-se sem resposta e na escuridão. Cada declaração dela parecia estar carregada de significado e propósito enigmático.

—Seja como for, —Senhor, ele não sabia que tinha esse talento para ser um pomposo e pretensioso!, minhas atividades pessoais são exatamente isso: pessoais. Você não deve questionar minhas idas e vindas. Não deve.

—Vou tentar o meu melhor, lorde Banbury.

—Nos daremos muito melhor dessa maneira. —sustentou ele.

—Tenho certeza que sim.

Sua submissa capitulação o deixava nervoso. Não existia uma mulher viva que era tão subserviente, tão servil. O que ela estava fazendo?

Enquanto conversavam, ela estava brincando com a alça de seu penhoar, escorregando para cima e para baixo em seu ombro nu. Sua mão desceu, e mergulhou um pouco no corpete, descobrindo o inchar cremoso de seu seio. Quando deliberadamente puxou-o, o pano se contraiu. O movimento foi abertamente sedutor, e ele trancou seu olhar no dela, recusando-se a demorar-se no mover sedutor, hipnótico de sua mão.

Ela colocou seus pés no chão e depositou o copo vazio na mesa entre eles. Enquanto bocejava e esticava-se mais uma vez, seus seios levantaram e os mamilos eram picos ostensivamente visíveis. Seu pescoço longo e delicado como um cisne, foi jogado para trás, e ele podia ver-lhe o pulso batendo em um ritmo elevado em sua nuca.

—Bem, vou tomar um bom banho quente, então vou a minha cama.

—Que adorável, disse ele por falta de algo mais profundo, mas uma visão de seu corpo molhado e escorregadio encheu sua mente, e ele não podia desalojá-la. Foi tão vívida que seus dedos estremeceram quando conjecturou como seria roçar-lhe sobre sua pele lisa, úmida.

—Gostaria de reabastecer seu uísque antes de eu me deitar?

—Sim, obrigado.

Por que não ter um pouco mais? Ele corajosamente tentou manter-se com seus indisciplinados pensamentos, mas, obviamente, não tinha álcool suficiente. A paralisia total tinha sido seu objetivo, mas não estava nem perto de estar entorpecido.

Quando ela agarrou seu copo, inclinou-se sobre a mesa, e a alteração de sua posição soltou a frente de sua camisola. Seus seios estavam balançando para baixo, o corpete baqueando. Inicialmente percebeu que podia ver seus seios, a auréola cor-de-rosa, os mamilos contraídos, o estômago plano.

Doce Jesus, se ela avançasse um centímetro, ele estaria olhando estupidamente no cabelo feminino que cobre seu montículo!

Ele engoliu um gemido. De prazer. De desânimo.

Em um instante, estava armado como um timão. Seu indisciplinado, descortês pênis suportou a atenção, rudemente instruindo-o a aliviar o desconforto. Ele cruzou uma perna sobre a outra e colocou uma mão em seu colo. Ela era virgem, então não era susceptível a notar sua inflamada situação, ou de compreendê-la se quisesse, mas ainda assim, ele estava desesperado para dissimular sua reação.

Precisando se acalmar para ganhar o controle de seus licenciosos impulsos, ele arrancou-se longe do território perigoso que ela inadvertidamente revelava, concentrando-se em seu rosto. O que foi um erro.

Sua pele era tão suave, os olhos tão deslumbrantes, o cabelo tão sedutor. E que boca! Seus lábios estavam fazendo beicinho, vermelho rubi, úmido, cativante. Ela faz um homem pensar em mais do que beijos, faz querer tê-la de joelhos diante dele e. . .

Frenético, cambaleou para trás.

Ele estava sexualmente atraído por sua mulher! Como isto podia ser?

Não consciente do efeito carnal que tinha sobre ele, ela caminhou para o aparador sem lançar um olhar em sua direção. Enquanto ela se movimentava, ele deu um suspiro de alívio. Sub-repticiamente, observou-a, sua apreensão encaminhando-se a um ritmo alarmante.

Havia algo categoricamente erótico em como ela andava. Seus quadris balançavam adoráveis, e o material de seu penhoar moldava suas pernas, enfeitiçando-o, delineando sua cintura delicada, coxas curvilíneas, suas nádegas magníficas.

Ela tinha um traseiro fantástico, do tipo que um homem poderia realmente começar a apertar enquanto ele. . .

Caramba! Ele estava uma bagunça! Despertado. Excitado. Intrigado. E, nestas circunstâncias, muito sóbrio.

Ela ofereceu-lhe sua bebida, que ele aceitou, mas teve que segurar o copo com ambas as mãos para que pudesse mantê-lo estável. Rapidamente, bebeu um gole do líquido âmbar e lágrimas brotaram em seus olhos, mas conseguiu abster-se de humilhar-se por entrecortar ou estalar.

—Boa noite novamente, lorde Banbury.

Ela se dirigia a ele como Banbury apenas para aborrecê-lo?

Ela andou relaxadamente longe, e, quando passou onde ele estava sentado, a manga de seu revolto penhoar tocou sua bochecha. Se ela tivesse sido mais hábil na arte de ser coquete, ele poderia ter assumido que o movimento era praticado.

—Boa noite, ele repetiu para o seu bem-proporcionado traseiro, retrocedendo.

Muito tempo depois que ela tinha se retirado, ele olhou para o local para onde ela foi. Podia sentir seu perfume, podia sentir a carícia de seu penhoar, e seus instintos masculinos foram estimulados pela sua essência remanescente. Seu pênis pulsava, suas bolas doíam, e, de repente, ele estava ardendo de paixão desembaraçada. Queria nada mais do que subir as escadas, corajosamente invadir seu quarto, e ter uma verdadeira noite de núpcias.

Mas que inferno! O que ele estava considerando? O que estava esperando para agir?

Encostado na cadeira fechou os olhos, sufocando suas emoções e reflexões dispersas, tentando analisar as forças furiosas nele.

Rapidamente, foi se tornando evidente que ela não era o tipo de mulher que um companheiro podia negligenciar. Nem era do tipo que ele poderia ter uma ou duas vezes e eliminá-la, como era seu costume. Havia uma química ou magnetismo nela que chamava a um homem, que atraia-lhe a sua desgraça, que o fazia querer persegui-la loucamente só para descobrir se ela poderia ser capturada, que era exatamente o que ele estava ansioso para tentar.

Estaria ele louco?

Eram esses votos, decidiu. Falar os votos do casamento antes de reunir-se ao ministro e seus colegas havia deixado-o inquieto. Seu dilema financeiro levou-o a tomar uma noiva rica, e ele entrou na união sem pensar muito, considerando-a uma brincadeira, uma solução fácil, um excelente golpe em seu arrogante, tirano pai. Claramente, porém, o capricho imprevidente foi um erro de proporções monumentais.

Desde o dia que completou dezoito anos e tinha saído de casa por conta própria, seu pai tinha-o subordinado através da manipulação dos cordões da bolsa.

Recentemente, o conde tinha sido desagradável, ordenando que Stephen casasse em seu trigésimo aniversário. Sem aguardar permissão de Stephen, tinha ido tão longe na escolha de uma noiva em potencial que tinha iniciado as negociações com o pai da menina, embora ela fosse chorona, caseira, rústica; quem Stephen não podia suportar.

Quando Stephen rejeitou o esquema do conde, este deteve-lhe a mesada.

O casamento com Ellen Foster tinha sido uma sorte inesperada, um golpe de sorte que lhe tinha arrancado da crise de desespero econômico e imediatamente retificou tudo o que estava errado com sua vida, mas o evento havia acontecido tão rapidamente que ele não tinha suficiente oportunidade para se aclimatar às ramificações do que tinha feito.

Aqueles votos pesavam fortemente, tendo afundado-se em sua consciência, ele não podia descartar sua magnitude. Agora tinha uma esposa. Uma bela, envolvente, inteligente mulher que precisaria e esperaria sua cortesia, deferência e respeito, ainda que ele não quisesse uma esposa! Ele gostava de sua existência de solteiro apenas como era!

Uma esposa conotava estabilidade e obrigação, responsabilidade e monogamia, e ele nunca tinha sido do tipo que pudesse comprometer-se a uma única mulher. A fidelidade era uma teoria absurda que ia além de sua capacidade.

Estava irritado, por sua loucura, pela impetuosidade que o trouxe a uma vida de tribulações e conflitos. A todo o custo, tinha levado a vida a sua própria maneira, de modo que passou quase trinta anos confrontando-se com seu pai, mas sem sucesso. Olhe onde aterrissou! Estava casado com uma estrangeira com quem tinha tido conhecimento apenas algumas horas, e foi acompanhado na cerimônia por sua equipe de imaturos, turbulentos amigos, com apenas um membro da família na assistência.

Em pé, ajustou as calças, tocando em seu membro, que ao que parecia não iria diminuir.

Precisava de uma mulher. Não sua esposa, é claro, mas uma mulher. Semanas antes, tinha dividido a cama com Portia. A raposa ávida, avarenta teve a ousadia de romper com ele apenas porque ele tinha sido destituído.

Que lealdade! Que devoção!

A megera!

Desde sua discussão e sua auspiciosa aquisição da fortuna de Ellen, Portia estava tentando reconciliar-se, aconchegar-se, alegando que não queria dizer os insultos horríveis que lhe lançou, mas ele tinha levado a sério e tinha renunciado completamente a qualquer complicação romântica. Evidentemente, seu corpo estava sentindo fortemente a falta.

A deficiência tinha que ser por isso, esta era a causa de estar experimentando uma terrível sensação de gravitação corporal em direção a Ellen, de modo algum, a fornicação extensa, estridente iria servir-lhe muito bem. Com uma parceira receptiva, ele poderia saciar sua luxúria exaustivamente para que essa ânsia pela Ellen diminuísse.

Distraidamente, cogitou nas mudanças que uma mulher traria para a casa, quão diferente seria tê-la constantemente sobre e sob os pés. Embora existissem vantagens, também, supunha.

Ela não parecia o tipo muito absurdo das retentoras, assim podia antecipar refeições melhores, uma residência mais limpa, e empregados mais vigilantes com ela a supervisioná-los.

E, naturalmente, haveria a chance de vê-la primeiro todas as manhãs, ao descer para o café e encontrá-la sentada na sala de jantar da família, com o sol brilhando como um halo em torno de seus cabelos loiros, e seu vestido moldado a seus seios, e ele. . .

Dê um aperto em si mesmo! Resmungou petulante.

Foi para o vestíbulo, pronto para buscar seu casaco e partir para destinos desconhecidos. Afinal, onde um homem casado pode receber socorro e consolo em sua noite de núpcias, sem a fofoca que ele não estava na cama com sua esposa, se espalhando como fogo?

A antessala estava deserta, como os corredores. Os empregados estavam ausentes. Ellen tinha dado-lhes a noite de folga. Precisava de um chapéu e casaco, embora todos eles pareciam estar conspicuamente perdidos. Até em seu quarto, tinha muitos, e, muito irritado, ele se arrastava até a escada para recuperá-los, querendo sair, mas sem entusiasmo para a viagem.

Capítulo dois

—Ele está chegando! A irmã de Ellen, Alice, sussurrou o aviso rapidamente, mas discretamente fechou a porta do quarto. —Parece que nossa tática foi bem sucedida.

Ellen saltou a seus pés. —Você deveria tê-lo visto quando me inclinei sobre a mesa na sala. A maior parte dos meus seios estava visível. Ele quase caiu!

—E se você tivesse lhe dado uma apoplexia?

—Eu tinha medo que ele saísse antes de ter a chance de fazer a encenação!

Elas riram como meninas de colégio e, em seguida Alice ficou séria.

—Tem certeza de que está pronta para isso?

—Mais pronta do que já estive por nada.

—Pelo menos eu conhecia meu marido na grande noite. Estava loucamente apaixonada por ele. Isso definitivamente ajudou.

—Eu posso imaginar-me apaixonada por Stephen. Considerando-se como meu coração acelerou quando ele estava perto, a noção não era tão inverossímil.

Um metro e oitenta e quatro de altura, cabelos e olhos escuros, era arrojado, bonito. Seu físico era largo nos ombros, cintura fina, pernas longas e um ágil, musculoso torso, mas não era sua aparência que tinha lhe cativado. Foi o modo como ele se portava, a maneira em que os outros concordavam com ele, como cabeças se viravam quando entrava.

Mulheres cobiçavam-no por sua arrogância e disposição sexy. Homens invejavam-no por seu status, confiança, sua atitude e comportamento. Ellen o queria, por todas estas razões e mais.

—Estou muito preocupada com você, disse Alice.

—Não fique. Ficarei bem.

As duas irmãs apertaram as mãos, unindo os dedos e apertando-os firmemente.

—Estarei em seu quarto, Alice informou gargalhando com alegria. Como se Ellen tivesse seguido a tola ordem de Stephen para usar outra suíte! —Se você precisar de mim...?

A voz de Alice trazia uma pergunta, porque elas não podiam prever o que estava prestes a acontecer. O novo marido de Ellen era um mistério sobre quem elas riam e conversavam semanas antes de Ellen recompor sua mente a fim de persegui-lo. Nenhuma delas poderia dizer o que ele poderia ou não fazer.

—Eu não irei, Ellen corajosamente firmou-se. No entanto, poderia fazer pose e se enfeitar, Stephen era um cavalheiro. Um temperamental, certamente, mas um cavalheiro, todavia. —Vá agora. Antes que ele descubra que você está aqui.

Alice abraçou-a, e, surpreendentemente, lágrimas correram de seus olhos. —Você é tão bonita, disse ela. —Ele não será capaz de resistir.

—Meus dedos estão cruzados!

—Espero que seja tão esplêndido para você como foi para mim.

—Será. Tendo em conta a reputação escandalosa de Stephen com as senhoras, considerou que o evento seria fantástico. Apesar de todas as contas, não poderia ter escolhido um candidato mais apto a facilitar a perda de sua virgindade.

—Vá! repetiu ela, de repente frenética para se organizar, para firmar o formigamento de excitação e acalmar a torrente de emoções antes de sua chegada.

Sorrindo, Alice saiu furtivamente, deixando Ellen sozinha para lidar com o calvário, como todas as noivas faziam.

Ela entrou no quarto de vestir que separava os dois quartos da residência principal, apesar de ser uma área que não tinha direito de ocupar. Stephen usou seu melhor nível para mantê-la à distância. Sem pedir a opinião dela, ele mudou suas acomodações para o outro extremo do corredor, mas era um plano com o qual ela não tinha intenção de cumprir.

O marido dela estava prestes a aprender um fato perturbador sobre sua esposa: ela era filha de seu pai em todos os sentidos.

Porque era muito inteligente, obstinada e teimosa, manteve sua tenacidade prudentemente escondida entre os candidatos a seu cônjuge. Ela queria que eles fossem complacentes, que a considerassem dócil e humilde, mas tinha sido levada a prevalecer e prosperar com o entusiasmo de seu pai.

Anos antes, ele tinha sido injustamente condenado por roubo. Então, foi transportado de sua amada Inglaterra para a cadeia. Desonrado, viajou para o Novo Mundo. Lá, trabalhava arduamente, nunca perdendo de vista suas metas ou objetivos, e finalmente prosperou muito, além das expectativas de todos.

Ellen tinha adquirido perseverança ao estudá-lo e, ocasionalmente, imaginou-se ser mais determinada do que ele poderia ser. Ela queria Stephen e agora o teria. Apesar de sua brusca insistência que eles tivessem uma união platônica, seu objetivo era o defloramento. Imediatamente!

Depois que ele tinha proposto, ela cordialmente ouviu à sua baba de como ele não queria casar, e ela tinha sofrido pacientemente pela sua afirmação de que ele não sentia remorso em não

executar sua responsabilidade para com sua família nobre, de linhagem procriando quaisquer crianças. Infelizmente para ele, ela queria uma casa cheia, bem como um marido amoroso para governar sobre o grande rebanho, que antecipava ter.

Stephen ia ser esse homem. Ele só não percebeu ainda.

Ansiosa, mas enchendo até a borda com destemida solução, estava ao lado da tina que Alice tinha gentilmente preparado. Insolente, ela virou as costas, fingindo ficar, esperando com a respiração suspensa, quando ele pisou em seu quarto de dormir e procurou com afinco o casaco e um chapéu que teve que recuperar, uma vez que ela carregou todos eles para cima, em adiantamento ao seu esquema .

Ela estava tão sintonizada com ele, que podia sentir seus movimentos além da parede, podia discernir o momento em que a viu, e ela enrijeceu, o pulso batendo no peito, seus sentidos tensos e sobrecarregados.

Senhor, dai-me força, ela rezou silenciosamente.

Esticando-se, com mãos trêmulas e joelhos fracos, desatou o laço que prendia à frente de seu penhoar, e ele caiu no chão.

Stephen franziu o cenho. Poderia ser?

Uma luz emanava de seu quarto de vestir. A porta estava entreaberta, e ele sentiu um cheiro de água quente perfumada com óleo de rosas.

Também na pequena sala contígua ao quarto próximo, o que teria pertencido à viscondessa se seu casamento com Ellen fosse verdadeiro, mas ela não poderia estar nele. Como não queria que interpretasse mal tanta proximidade, ele especificamente aconselhou-a a pôr seus pertences no quarto junto com um dos salões.

Ela não teria notoriamente ignorado seus desejos sobre onde seu quarto era para ser. Será que teria?

Como o pior voyeur, aproximou-se da porta e espiou para dentro.

Era ela! Tirando a roupa e preparando-se para seu banho! Ela estava numa tina cheia de água fumegante. Toalhas e sabonetes estavam estabelecidos em um banquinho ao lado dela. Diante da penteadeira, de costas para ele, ela lentamente desnudava-se, porém não havia muitas peças para tirar.

Ela tirou o roupão, facilitando-o para que escorregasse e se agrupasse em uma pilha de seda verde em seus tornozelos. Em seguida, o penhoar. Era quase como se ela soubesse que ele estava olhando, como se ela tivesse planejado lhe atormentar e provocar sua sensibilidade masculina. Ela trabalhou os laços estreitos para baixo, sobre os seios, quadris, em seguida, então escorregou fora. A peça ondulou, desceu passando pelas nádegas, as pernas.

Ele piscou. Piscou novamente. Engoliu em seco! Ela estava completamente nua! Seu coração batia acelerado no peito, seu membro vibrava contra o bolso de suas calças.

O cavalheirismo exigia que ele desviasse o olhar, que escapasse sorrateiramente e fingisse nunca tê-la visto, ou que fizesse algum barulho para anunciar a si mesmo, mas ele não podia

forçar-se a tal ação. Estava congelado, enraizado em seu local, e espionando indiscretamente como o grosseirão mais baixo.

Ela agarrou seus cabelos e prendeu-os em um nó, equilibrando a primorosa massa no topo da cabeça enquanto envolvia-os com pentes. Com seus cabelos presos, suas nádegas eram bem visíveis e, em silêncio, ele exultou o espetáculo, cuidando para não fazer barulho.

Esfregando seu pênis, procurou reduzir algumas das torturas que ela lhe infligia inconscientemente. Toda vez que ela mexia com um pente, torcia para o lado, fornecendo-lhe um perfil de seu corpo, e ele poderia estudá-la todo o caminho. Seios, costelas, osso ilíaco, coxas. Seus seios eram amplos e convidativos, os mamilos tensos e salientes.

Sedutora, ela girou para a tina, o que deu a ele um vislumbre frontal inteiro de seu torso. Ela era impecável, perfeitamente criada para um homem como ele a corromper. Ele permitiu que seu controle tórrido viajasse para baixo, de seus seios para o ventre, para seu montículo. Sua almofada de cabelo feminino era tão dourada como os cabelos na cabeça, e ele podia imaginar curvando-se sobre ela, investigando-a com os dedos, com a sua língua.

Se ele fosse mais ousado, poderia ser seu primeiro. Poderia invadir furtivamente seu quarto de vestir e procurar o devido prazer conjugal. Ela não seria capaz de recusá-lo, nem iria tentar. Apesar de seu contrato duvidoso, ela estava bem consciente e reconhecida suas funções como esposa.

Quão doce seria lhe atormentar e explorar! Experimentar e saborear! Sua envoltura virginal seria um paraíso, apertado, exuberante. Ele persuadiria, bajularia, seduziria e a convenceria, até que ela se contorcesse e gritasse seu nome.

Ela se submeteria, mas a sua rendição seria lânguida e luxuosa.

Como era um amante realizado, teve uma sucessão de requintadas, mundanas amantes que juntaram-se a ele em sua cama. Sabia como apresentá-la ao prazer, poderia ser seu tutor e leva-la às alturas da paixão que ela, em seu estado puro, nunca poderia ter imaginado. Levaria semanas —não, meses —para doutriná-la completamente em seu vício e carnalidade.

A ideia era tão tentadora, tão provocante. Tudo o que precisava fazer, era dar o bravo passo inicial, e ela seria dele. Para sempre.

Ele sempre evitou a ideia de permanecer com uma mulher, mas, quando permaneceu, olhando à sua encantadora, desejável esposa, nua e se preparando para cair na tina, o conceito de perpetuidade, não lhe pareceu tão ruim.

Do que ele estaria desistindo? Um grupo de amigos que não estavam perto? Uma série de mulheres de sangue azul que eram pouco mais do que prostitutas? Até agora, só viu o ônus apresentado pela sua chegada. Ele falhou em não refletir sobre os benefícios, e estes abruptamente pareciam ser muitos.

Ela ergueu o pé para entrar na tina, e ele tenso, zelosamente observando-a, quando ela parou. Ele pensava estar escondido nas sombras, mas, aparentemente, tinha sido detectado.

Seus olhares ligaram-se e prenderam-se. Por uma fração de segundo, ele considerava correr do quarto, fugindo para refestelar-se em sua velha vida, mas algo o tinha travado no lugar. Não poderia partir nem que cavalos selvagens o arrastassem longe.

Com aquele passeio limitado em loucura, queria muito saber como seria levá-la em seus braços.

Ele caminhou até a porta, empurrou-o largo, e entrou.

Bronzeado como um antigo conquistador viking, Stephen marchou sobre a soleira. Escorou-se nela, de modo que seus corpos ficaram alinhados, tão perto que ela podia sentir o cheiro do amido em sua camisa e o sabonete com que ele se banhava. Seu sapato estava firmado entre os pés dela. A gola do paletó escovava seu estômago.

Ele estava completamente vestido, enquanto ela estava nua como no dia em que nasceu. Levou cada grama de coragem que possuía para não cruzar as mãos sobre seus seios e sua mais íntima região feminina.

Ela reconheceu o brilho escaldante como o seu próprio, recusando-se a assumir que estava tímida ou transtornada, porque, na realidade, não se assustou nem um pouco. Emocionou-se, sim. Desbaratada por sua altura e audácia, sim. Inquieta em tê-lo aqui vendo-a em sua nudez, sim.

Mas não estava com medo.

Ele parecia um predador que se precipitava sobre sua presa, rudemente olhando abaixo, avaliando sua anatomia, demorando-se em seus seios e seu montículo. Em seguida, seu olhar viajou para cima, languidamente, indecentemente avaliando cada aspecto do que ela de boa vontade tinha exibido para seu prazer e sedução.

—Este é meu quarto de vestir, ele apontou causticamente. —O que você está fazendo aqui?

—Estou prestes a tomar um banho.

—Seu quarto de dormir é no corredor.

—Eu sei.

—Por que você não está nele?

—Estou remodelando a suíte, então tive que pedir à empregada para mover minhas coisas. Só até a conclusão dos trabalhos. Bravamente, ela se esforçou para parecer livre de intenções tortuosas, mas precisava recuperar seu equilíbrio, de modo que passeou longe de sua dura carranca, sua presença dominadora e casualmente caminhou até a penteadeira.

—Quanto tempo isso vai levar?

—Alguns meses, eu acho.

—Poucos meses!

—Sim.

Ela inclinou-se, olhando no espelho, analisando seu rosto, quando percebeu que estava fornecendo-lhe uma vista excepcionalmente impertinente. Sua parte inferior nua estava esticada, as coxas estendiam-se, os músculos tensos abaixo das costas e suas pernas apertadas. Sua reflexão era visível no vidro, mas ela duvidava que ele notasse isso, ela parou, examinando-o, curiosa sobre o que ele faria em seguida.

Ele estava logo atrás dela, próximo da tina, mas paralisado, sua atenção concentrada nela. A posição devassa tinha impelido-o a uma maior vigilância, e ele não perdeu nenhum detalhe.

Disfarçadamente, ela segurou a penteadeira, sustentando-se para que não saltasse nervosamente em cima dele e terminasse o espetáculo lascivo antes dele estar acabado.

Andando em sua direção, atravessou o chão em três passos rápidos. Estendeu a mão para agarrar seus quadris, mas ela endireitou suas mãos antes que elas descessem. Era demasiada modesta para tê-lo tocando-a tão cedo. Agir como se estar nua fosse uma ocorrência normal era bastante árduo. Não ia permitir que ele maltratasse-a antes que tivesse sido beijada!

Ela precisava de mais tempo para se adaptar!

Ele prensou-a contra a penteadeira, para que ela não pudesse afastar-se ou fugir. Sua coxa, o quadril estavam cheios entre suas pernas, e ela podia sentir a saliência em suas calças que atestava o quanto a cobiçava.

A descoberta devia ter sido uma vitória, mas ela não podia comemorar. Estava apavorada, sua ingenuidade virginal empinando-se, deixando-lhe a tremer.

Oh, como esperava que ele não tivesse percebido que estava trêmula! Ela não podia deixá-lo descobrir como estava apreensiva! Com medo de que pudesse perder esta primeira rodada em sua batalha de vontades, teve que manter sua fachada fresca de sofisticação e despudor.

—Eu não quero partilhar este espaço contigo, disse ele.

—Prometo que não vou ser um incômodo. Sorrindo, ela esforçou-se para ser graciosa, embora não fosse muito adepta de ser coquete. —Você quase não me notará.

—Não é provável, ele murmurou, e mexeu seus quadris, prendendo-a ainda mais contra os móveis, a sua excitação cada vez mais evidente.

Surpreendentemente, ele começou acariciando seu seio, massageando o monte e a ponta alongada que culminava em um broto doloroso. Ela inalou agudamente, e seu estômago fechou-se, mas era diferente daqueles recuos menores, este era alto, imperioso, comportavam-se como se homens estranhos acariciando seus seios fosse uma questão de costume.

—Que jogo você está jogando? Latiu.

—Eu não estou jogando com você, ela alegou arrogante. —Estou apenas fazendo minha ablução noturna. Você me interrompeu, senhor.

—Não sou um palhaço, Ellen. Não brinque comigo. Sua mão escorregou para seu outro seio, segurou o mamilo entre o indicador e o polegar, pressionando-o para que ela pudesse sentir um movimento de empurrão em seu ventre.

—Não estou a jogar com você, e você não precisa ficar. Pode sair para sua noite de mulheres e alegria.

Seus dedos teciam em seu cabelo, tirando fora os pentes que haviam garantido seu penteado, ele assobiou baixo. Envolveu boa parte da longa cabeleira em torno de seu punho e usou-o como alavanca para inclinar suas costas. Obviamente, estava tentando intimidá-la com o seu tamanho, com sua proximidade, e foi bem sucedido. Ele equilibrava-se sobre ela, a centímetros de distância de sua boca, seus olhos castanhos com raiva dela, buscando segredos que não podia decifrar.

Enquanto contemplava-a, continuou com a manipulação do mamilo, apertando-a gravemente, mas nunca o suficiente para machucar.

—Talvez, eu não saía. Ele empurrou sua região lombar contra ela. —Talvez, eu prefira ficar aqui.

Seu coração deu um pulo, e ela ansiava por lançar seus braços ao redor dele, fechando o espaço entre eles e impertinentemente colar os lábios aos seus, mas conseguiu administrar circunspeção. Não iria ceder até que soubesse que ele estava muito além do momento em que pudesse parar.

—Sou perfeitamente capaz de lavar-me. Não preciso de assistência.

—Acredito que você terá que renunciar ao seu banho.

Ele a girou de forma que ela estava à sua frente, seu traseiro apoiado sobre a penteadeira, a madeira pressionando suas nádegas. Habilmente, ele empurrou as pernas abertas e postou-se entre as coxas. O cochilo de sua calça arranhou sua pele macia e os atritos começaram a estimular as áreas femininas de seu corpo. Em seu centro, a unidade era crescente.

O aperto em seu cabelo não abrandou e ele inclinou-se ainda mais próximo.

—Você têm alguma ideia do que acontece entre um homem e uma mulher quando estão sozinhos?

—Sim, ela declarou descaradamente.

Ele ficou tenso, abertamente atordoado por sua resposta. —Você é uma senhora virgem?

—Que pessoa rude e grosseira é você para me fazer uma pergunta tão indelicada!

—Gostaria de ouvir sua resposta. Enfurecido com a perspectiva de que ela pudesse não ser, apertou seus ombros e balançou-lhe. —Diga-me!

—Há uma maneira de descobrir.

—Sério? Você tem um desejo ardente de ser violada? Ou já foi?

Ela estava determinada a permanecer indiferente e distante, o que, nas circunstâncias, era extremamente difícil.

—Tenho vinte e cinco anos, afirmou com um encolher de ombros. Estava caminhando em uma borda perigosa, mas, apesar do que pudesse dizer ou fazer, ele nunca abusaria dela fisicamente. —Você supõe que é o único homem que alguma vez capturou minha fantasia?

Quando as sobrancelhas peculiarmente elevaram-se, soube que era precisamente o que ele tinha imaginado. Provavelmente, deduziu que ele estava fazendo um favor colossal reduzindo-se a casar com ela. Arrogante, presunçoso inglês! Todos eles tinham postulado que ela era uma megera, briguenta, rústica que só tinha sido capaz de prender um cônjuge por causa da fortuna de seu pai.

O orgulho e a ira renovaram sua determinação e restauraram sua atrasada coragem.

—Seria melhor se fosse eu, alertou.

—Ou o quê?

Ele se mostrou indignado, mas não respondeu, então ela persistiu. —O que possivelmente poderia a minha castidade ou a falta dela significar? Você não está interessado em um relacionamento sexual comigo mesmo. Você deixou seus sentimentos explicitamente claros desde o início.

—Talvez eu tenha mudado de ideia e decidido impor algumas obrigações de esposa em você.

Isso não seria um grande fardo, ela ansiava por dizer, mas mordeu a língua.

Quis que ele a abraçasse, levasse-os para o próximo nível de seu acordo —e a estupidez que se dane. Ele estava segurando em seus braços, mas era estranho, uma espécie de exasperação confusa, como se não tivesse certeza de beijá-la ou espancá-la.

Apertando seu cabelo, arrastou-a para trás de forma que pudesse inspecionar suas reações. Então, imergiu abaixo, e ela estava certa de que finalmente iria beijá-la. Em vez disso, esfregou-lhe o queixo e lambeu seu pescoço, exatamente onde o pulso batia tão furiosamente, que ela não pôde reprimir um grito de surpresa.

Seus lábios eram macios e quentes, e usou-os causando-lhe um efeito maravilhoso, mordiscando e mordendo sua pele.

Quando ele envolveu sua nuca, seus dedos penetraram em seu seio, a barriga, até que chegaram ao cabelo encaracolado que cobria seu núcleo. Sem nenhuma sutileza ou preparação, escorregou-os dentro dela, e um grito de espanto e choque zumbiu fora de seus pulmões.

Com perspicácia, o grosseirão rui, e ela sentiu o rubor avermelhando suas bochechas. Sua reação tornava inevitável fugir para longe, pressionar suas pernas juntas, de modo que ela pudesse parar a incursão exótica, mas ele tinha seu grande e largo tórax entre ela e a penteadeira. Assim, não podia escapar ao ataque.

Ele acariciou-a de um lado para outro, explorando, investigando, e depois deslizou para fora. Tremendo, ela sentiu dezenas de sensações peculiares que nunca tinha sentido antes. Ela queria que ele desistisse, queria que ele continuasse para sempre.

—Você está molhada para mim, minha noiva querida. Abandonando seu poleiro no pescoço, ele beliscou acima em sua bochecha, o que causou arrepios em seus braços, mas apenas quando ele atingia seus lábios, afastou-se, descansando suas mãos sobre as coxas e as pontas dos dedos estavam úmidos de onde ele a tocou.

—Devo possuí-la aqui? Contra a penteadeira? Ele firmou seus quadris e empurrou-se de encontro a ela em um ritmo lento e repetitivo. —É assim que você gosta? É isso o que você está esperando? Algo áspero e selvagem? Ou devo levá-la para minha cama e lhe possuir lá?

Embora ainda fosse virgem, não era inocente. Tinha ouvido a crua palavra antes, e sentiu-se repelida quando ele proferiu isso em sua presença. Seu desrespeito era um indicador de como ela interpretou mal a situação. Tinha pensado em atraí-lo —com sua nudez, com seu ardor iniciante que tinha desenvolvido desde que o tinha visto pela primeira vez, —mas ele tinha considerado sua insinuação como um sinal de caráter vulgar.

—Não me deitarei com você agora. Não quando você está sendo um bruto, um cavalo.

—Você irá se eu mandar.

Ele soou duro, e parecia um adversário cruel, mas ela era irrisória.

—Você não me assusta, por isso pode tentar.

—Eu não a assusto? Ele alfinetou. —Pois deveria.

Ele pegou sua mão e descaradamente depositou-a em seu dilatado pênis. Estava picando em sua calça como se pudesse arrebentar as costuras. O apêndice era enorme, muito maior do que ela imaginava e, embora Alice insistisse que caberia facilmente em seu envoltório, não podia compreender como.

Alice havia lhe dito o que fazer com ele, como lidar com isso, e aquilo que ele gostaria, mas esse encontro era muito incomum, e ela estava perplexa em como proceder. Sua mão estava lá, trêmula e despreparada para qualquer empreendimento, então ele agarrou-a, pressionando-a contra seu pênis, esfregando-a com a palma, usando-a para aliviar a ponta desperta.

—Sou um homem vigoroso. Montarei em você, assim como gosta de montar em um garanhão. Ela se encolheu com medo, e ele sorriu. —Não é isso que você quer? Não é por isso que você estava desfilando nua em meus aposentos privados?

—Estava cuidando da minha vida quando você entrou.

—Venha agora, ele bajulava-a, —vamos ser honestos um com o outro. Ele pairava acima dela, obrigando-a ir para trás até que a cabeça foi arrastada para o espelho. Ele avaliava-a, seu olhar enganosamente sedutor, seu sorriso revelando um falso charme. —Você está ávida por uma indiscreta brincadeira com o visconde que adquiriu com todo o seu adorável dinheiro.

—Você lisonjeia a si mesmo. Eu nunca me submeteria a um libertino, principalmente um como você. Prefiro ter um banho agradável e tranquilo.

—Mentirosa.

Estreitando a distância entre eles, tomou sua boca em um beijo tempestuoso. Ela separou os lábios para registrar um protesto, e ele invadiu-a com sua língua, mergulhando como se era devido, aproveitando seu privilégio senhorial. Ele esmagava a região lombar dela junto a sua, para que ela pudesse acompanhar o ritmo de seu membro.

Sua resposta primária foi de espanto e surpresa, e ela endureceu, mas só por um momento. Antes de seu casamento, ela incessantemente ponderou como seria ser beijada por ele, e agora estava em êxtase ao compreender que a realidade era muito mais extraordinária do que qualquer fantasia que tivesse sido capaz de inventar.

Como tinha vinte e cinco anos, ocasionalmente tinha sido beijada, mas foram um punhado de beijos mornos, tépidos; instigados por pretendentes insípidos, indecisos, não eram nada comparado com este. Agora que tinha sido beijada por Stephen St. John, não descreveria o que tinha feito anteriormente como beijar.

Este era zelo e tumulto, fogo e fúria. Seu coração e alma foram revelados. Ele era uma tempestade, um vendaval de agitação e frustração, e ela cruzou os braços em torno dele, abraçando-o, necessitando fortalecer-se, segurar em algo sólido enquanto a turbulência a assolava.

Sua boca moldava a dela, e suas mãos estavam por toda parte, procurando e investigando seus ombros, braços, costas e seios. Ele brincou com seus seios, massageando a tenra protuberância, até que ficaram sensíveis e inflamados e seu núcleo feminino começou a lamentar com desejo de construir. Seus dedos deslizaram para baixo, alongando e entrando em seu canal mais uma vez, seu polegar brincava com ela, trazendo-lhe um prazer exultante.

Envergonhada em admitir isso, não estranhou o ápice que se aproximava. Na escuridão da noite, quando estava horrivelmente solitária, sabia como saciar-se, mas a alegria que ela infligia-se era insignificante quando comparada com tal arrebatamento. Ele era mágico, seus dedos divinos empunhando um feitiço maligno.

Em chamas, ela estava prestes a ser arrastada, e freneticamente apertava abaixo em sua necessidade crescente de liberação. Lutando, se esforçou para esconder a sua dinâmica subida. Ele era muito experiente com as mulheres. Saberia de imediato se ela tivesse encontrado a satisfação, e ela não estava prestes a lhe dar satisfação. Não quando suas piores características estavam sendo exibidas.

Só quando não podia tolerar mais, quando tinha certeza de que estava a ponto de embaraçar-se, ele empurrou-a para longe e afastou-se, desapegando-se dele ela quase gritou pela privação. Estava na beira, abundando com a necessidade de satisfazer-se, e isso era tudo que podia fazer antes de pedir-lhe para deixá-la terminar.

Ele estava tenso como uma corda de arco, seus músculos esticados e prestes a estourar. Seu pênis inchado tinha um comprimento gigantesco de forma que suas calças estavam cheias, completas. Ele cutucou a frente, tentando acalmar o confinamento.

Com infinita, chamuscante animosidade, analisou-a, então a insultou passando a mão nos lábios, como se tentando limpar seu gosto.

—Você beija como uma qualificada prostituta, lady Banbury.

Ela provavelmente devia estar ferida por esse comentário depreciativo, mas tudo o que poderia incidir sobre o fato era que ele se referia a ela como sua esposa.

—Talvez seja você, lorde Banbury, retrucou rispidamente. —Sua vasta gama de amantes treinaram-no bem.

A observação ultrajante foi um golpe direto em seu orgulho viril, na sua sensibilidade masculina. Seu formidável temperamento queimou.

—Vamos ver o que mais você pode fazer com essa boca. Ele agarrou a mão dela e colocou-a no bolso da calça. —Fique de joelhos e abra minha calça. Gostaria de ter um beijo francês.

Havia muito pouco sobre a diversão sexual que sua irmã tinha esquecido de mencionar, por isso ela entendeu o que ele estava exigindo. Quando Alice inicialmente explicou a manobra, com voz rouca, lasciva, ela ficou chocada, mas quanto mais elas discutiam, mais curiosa ficava, e elas desperdiçaram horas incalculáveis, dissecando a técnica e o método.

Ela poderia fazer isso?

Sentiu-se em profundo conflito. Era uma façanha que ele não deveria ter solicitado até muito mais tarde em sua associação, não até que ela tivesse sido completamente doutrinada em comportamentos libidinosos e se sentisse à vontade com ele como seu parceiro. No entanto, nada mais lhe agradaria. Seu próprio corpo foi eletrificado, insatisfeito com paixão, e sua excitação estava incitando-a a loucura, persuadindo-a em direção a uma conduta que normalmente nunca teria considerado.

Ele estava observando cada movimento, esperando para descobrir o que ela faria, e ela não podia deixar de suspeitar que sua ordem tinha sido um desafio, que ele queria saber o quão

longe poderia empurrá-la, a que distância ela iria. Bem, ele poderia desafiá-la tudo o que quisesse, ela não iria recuar.

Agarrou no cós da calça, envolvendo os dedos sobre a borda e puxando-o para ela. Seu dedo polegar sacudiu o botão superior através de seu buraco, depois o segundo. Ele ficou diante dela, rígido, irado, imóvel, mas, quando ela avançou para o terceiro botão, deu um tapa na mão dela e saltou longe.

Conturbado e confuso, avaliou-a como se fosse um inimigo perigoso.

—O que você quer de mim?

—Nada, ela respondeu. —Absolutamente nada.

—Não serei um marido fiel a você!

—Eu lhe pedi para ser?

—Eu não quero ter filhos. Nunca!

—Nem eu, ela hesitava.

—Então o que você acha que acontecerá se continuarmos? É idiota o suficiente para presumir que vamos acasalar como um par de coelhos, mas não haverá consequências? Eu me recuso a estar acorrentado a você por algumas crianças, uma choramingante ninhada. Não gostarei deles! Ou de você!

Ela empalideceu com a sua ira veemente, em seguida, perguntou por que ele estava sendo tão inflexível. Parecia que estava se esforçando para convencer a si mesmo, em vez dela.

—Tiranize você mesmo, lorde Banbury, murmurou.

—Tenho o seu dinheiro, Ellen. Você tem o meu título. Revisamos os termos, e você concordou com eles: nós levaremos uma vida independente, e você não terá nada a dizer sobre o que faço ou aonde vou. Vou beber, festejar e flertar com uma mulher após a outra. Esse é o tipo de homem que eu sou.

—Não, você não é.

—Como o inferno sangrento você sabe? —gritou ele. —Não posso imaginar outra vida! Não tenho a menor ideia de como proceder de qualquer outra forma!

—Você poderia aprender uma nova maneira.

—Eu não quero! Estou absolutamente feliz como as coisas estão agora!

—Eu vejo. Ela estava resmungando, mortificada por ter assumido que poderia convencê-lo a agir de outra forma.

—Não, você não vê. O que esperava ganhar fora desse atoleiro que criou? Estava planejando que nós nos envolvêssemos? Para ficarmos presos? Bem, deixe-me lhe dizer algo sobre mim que você parece não entender: não praticarei fidelidade com você! Ele curvou-se, de modo que estavam olhando olho no olho, e zombou de sua absurda ideia, de sua falta de sofisticação. —Você pode me fisgar a ser seu amante, e eu consentirei, mas rapidamente me cansarei de você. Então, a enganarei a cada dia do nosso casamento.

Ele estava denegrindo-se terrivelmente, e ela se recusou a concordar com este retrato obscuro de seu caráter. No fundo, ele era um bom homem, aquele que poderia ser contado por seus amigos, que honrava sua palavra, que fez um voto e estava preso a ela.

—Você nunca faria isso comigo, afirmou.

Ridicularizando-a, ele riu maldosamente.

—Se é nisso que você acredita Ellen, é uma tola.

Ele saiu correndo, batendo a porta, e ela permaneceu enraizada em seu lugar, ouvindo-o ir.

Capítulo três

Atormentada e humilhada, Ellen congelou, enquanto ele voava escada abaixo e para fora de casa. Bateu a porta com força suficiente para chacoalhar as janelas. Era como se todo o ar de repente deixasse seu corpo, e ela caiu contra a penteadeira.

Estava esmagada, incapaz de entender como o compreendeu tão mal. Enquanto ele espiava pela porta de vestir que ela deliberadamente deixou entreaberta, Ellen estava tão certa de que poderia convencê-lo a um encontro. Sua resposta foi tão quente e potente como imaginava, mas, ela devia ter sido inteligente o bastante para fazê-lo esquecer seu passado idiota, cheio de auto-restrições e imposições. Mas ele não tinha sido seduzido.

A convidativa e sedutora veste que tinha usado para sua grande aventura não funcionou também. A roupa tinha sido ideia de Alice. Em matéria de paixão, Alice era uma perita, assim Ellen tinha concordado com sua sugestão de traje.

Alice era uma viúva, o seu breve e feliz casamento tinha chegado ao triste fim após o acidente mortal de seu marido, que era marinheiro. Quando estavam noivos, seu marido tinha sido um companheiro barulhento, muito experiente em relacionamentos amorosos nos portos ao redor do mundo, por isso os recém-casados revelaram-se indecentes, tendo um tórrido relacionamento físico.

Alice era amplamente versada na intimidade, e dominava com vivacidade as técnicas de sobre o que e como fazer que Ellen era totalmente ignorante. Ellen era a mais velha, irmã solteirona que havia permanecido solteira simplesmente porque era romântica, buscando o homem dos seus sonhos. Com muito pouco estímulo por parte de Ellen, Alice tinha graciosamente divulgado os pormenores.

Seu dedicado pai era eminentemente conservador e as resguardava das duras lições da vida, protegendo-as de todos os perigos. Seus piores temores eram mais o tipo de homem que solicitaria suas filhas, devido à sua acumulada riqueza.

Ellen tinha sido mantida ignorante sobre muitas facetas da vida, e estava agradecida a Alice que tinha sido gentil o suficiente para ensiná-la, entretanto tinha concordado com Stephen no absurdo casamento de conveniência, mas agora não estava disposta a honrar sua disposição.

Isto era o amor. Isto era guerra. E ela tinha intenção de utilizar cada artimanha feminina em seu imenso arsenal para ganhar seu afeto. O quão deprimente era ter falado besteira na primeira batalha.

Alice tinha avidamente explicado como deveria excitá-lo até que estivesse dominado pelo desejo, até que estivesse disposto a levá-la para cama sem levar em conta as consequências, mas ela não tinha realmente entendido o que sua irmã quis dizer.

Sua ameaça de cálculo a tinham jogado fora de seu equilíbrio, e sua intensidade era assustadora.

Ela pensou que conhecia mais sobre Stephen St. John do que sobre qualquer outra pessoa na Terra. Sua decisão de abordá-lo com uma proposta de casamento não tinha sido precipitada ou imprudente. O pai dela levou-a para Londres com o único propósito de encontrar um par empobrecido, desesperado do reino, que estivesse precisando de uma herdeira.

O sonho de ser uma dama titulada não era dela, mas de seu querido pai, que tinha sido alimentada durante os quarenta anos que tinha residido na América. Ele vinha de uma distinta família, seu pai tinha sido agente imobiliário de um visconde. Quando tinha sido preso por roubo, a acusação tinha sido feita para esconder a evidência de que o verdadeiro culpado era o filho do visconde.

Embora não mais um menino, ele desembarcou na costa estrangeira, abandonado, considerado criminoso, sem um tostão.

No início, o ódio acima da injustiça tinha governado-o, mas ele tinha usado sua raiva para seu máximo benefício, trabalhando mais e poupando mais do que qualquer outra pessoa poderia ter feito. Toda realização era um movimento em direção ao dia em que seria capaz de esfregar o polegar no nariz das pessoas que tinham-no arruinado.

Com apenas algumas condições, deixou que ela escolhesse entre disponíveis aristocratas deteriorados, e sua escolha tinha sido Stephen St. John. Ela havia espionado, e conversado com dezenas de admiradores, mas, a partir da noite em que pôs os olhos em cima dele, não tinha vacilado.

Tinha inicialmente visto-o no teatro. Ele estava em companhia de sua amante, a beleza voluptuosa Portia Poundstone. Estavam sentados juntos, mantendo a corte, através de seu camarote. Ao longo da tediosa apresentação operística, ela observou-o. Como a última ária estava sendo cantada, mandou seu pai percorrer os clubes de Londres, bordéis, e infernos de jogo para descobrir cada pedaço de informação a ser recolhida.

Um homem orgulhoso, que tinha sido mimado e protegido, não se curvaria ou comprometeria. Ele tinha que estar no comando. Outros se curvavam à sua vontade e seus comandos eram obedecidos. Seu pai, o conde de Stafford, era a única pessoa com poder e autoridade suficientes para condená-lo a respeito, mas Stephen não se curvaria a seu calcanhar. Porque não iria sossegar e casar, estava em conflito constante com sua família.

Ele sempre conseguia tudo a seu modo. Sempre triunfava. Ninguém revogava seus ditames ou instruções. Hoje a noite olhou-a exalando um conjunto misto de indignação e irritação, fazendo-a perguntar por que achava que seu estratagema de sedução era uma boa ideia.

Ela era intrépida, e sabia o que queria. Alice treinou-a em como fazer isso, como começar, mas quando confrontada com sua feroz virilidade, já não estava convencida de que ela seria a melhor para ele.

Como ele poderia ir para fora com outras mulheres? Em sua noite de núpcias!

Em todas as noites, queria-o em casa e em sua própria cama. Preferencialmente com ela intimamente aconchegada ao seu lado.

Estava confusa, chateada, aflita, sem saber o que fazer ou aonde ir. Embora sua irmã estivesse no corredor, não podia conversar com ela, não podia confessar que seu estratagema tinha sido um fracasso.

Ele desejava-a, seu elevado desejo tinha sido inconfundível. Mas não a quis! Sua rejeição era áspera, degradante, insuportável, e sua aflição era excruciante.

Incessantemente, tinha repetido a cada terrível insulto que eles alternaram, e ela rezou para que ele voltasse, mas não voltou. Finalmente, rastejou até a tina e percebeu que a água tinha esfriado. Com cada rangido da velha casa, ela pulava, ansiosamente assumindo que era ele, que tinha mudado de ideia sobre seu relacionamento, ou, pelo menos, que resolveu manifestar seu pesar sobre seu argumento.

Que tipo de pessoas lutava tão violentamente em sua noite de núpcias?

Em desespero, ela inevitavelmente admitiu que ele não voltaria, que tinha ido comemorar sua nova fortuna com uma noitada na cidade. Imaginou-o nos braços da encantadora Srta. Poundstone ou outra das lindas mulheres que conviviam em seu círculo social, e pensou que poderia quebrar seu coração.

Enquanto não era aclamada pela beleza, era por muitos considerada cativante, bem como educada, inteligente e encantadora. Tinha estado ansiosa em demonstrar que poderia ser uma viscondessa e companheira ideal, entusiasmada em compartilhar o fim de seus gloriosos dias fazendo amor, e o conhecimento que ele preferia festejar com seus amigos, ou pior ainda, com uma mulher de má reputação era uma vergonha muito grande para ser suportada!

Ela estava agitada demais para ficar em seu próprio quarto. Não sem antes falar com ele. Não sem verificar se estava em casa, são e salvo. Apesar de ser inadequado e imprudente, foi para seu quarto, precisando cercar-se com suas posses.

Distraidamente, carinhosamente, explorou seu equipamento de barbear. Bisbilhotou em suas gavetas, dedilhando cachecóis e roupas íntimas, espiou no guarda-roupa, contando e acariciando suas camisas e casacos.

Cheia de desejo e remorso, rastejou até sua cama, ruminando sobre o que fazer, como continuar após esse terrível equívoco, e, gradualmente, caiu em um sono profundo.

Mulher sangrenta, louca! Stephen grunhiu enquanto descia as escadas e corria para fora da casa.

Uma carruagem de aluguel estava estacionada no meio-fio, o condutor esperando pacientemente que seu ilustre passageiro subisse. A carruagem própria de Stephen havia sido vendida há muito tempo, e como a fortuna de Ellen só recentemente entrara em seu controle, não tinha tido oportunidade de comprar uma nova.

Nas sombras, o transporte mais barato e decadente apareceu, o condutor entendia seu ofício. Saltou para fora e segurou a porta, mas Stephen parou. Sabia que deveria entrar, mas não

poderia decidir em que direção ir. Devia ir para seu clube, onde seus amigos pudessem lhe questionar sobre sua noite de núpcias, ou não? Ou então correr para um salão de jogos, e desperdiçar um pouco da fortuna de sua esposa? Ou talvez ir a um bordel, onde poderia saciar o desejo que batia em suas veias?

Ao contrário de meses anteriores, não ficou animado com o dinheiro. Ordenando, o homem surpreendeu-se com seus agradecimentos, deixou muitas moedas na palma da mão do condutor e afastou- se, precisando andar por si mesmo, pôr para fora sua fúria.

Embora sua residência estivesse situada em uma das melhores regiões da cidade, Londres não era lugar para caminhar no escuro. Mesmo em uma área exemplar, poderia acontecer um crime, mas Stephen estava escassamente preocupado. Seu distúrbio era tão feroz que estava quase ansioso para cair em cima de uns poucos rufiões. Nada poderia granjear-lhe maior prazer, ou fornecer-lhe um modo mais adequado de desabafar, do que ter uma briga horrível com um bando de criminosos que mereciam uma surra adequada.

Cabeça baixa, mãos enfiadas nos bolsos, pisou rua abaixo. Uma carruagem moveu-se para fora do quintal de um estável vizinho e, para não esbarrar em nenhum de seus conhecidos, abaixou-se e virou a esquina. Saiu correndo tão rapidamente que não se preocupou com o chapéu ou o casaco, e lamentou sua pressa.

Não havia nenhuma maneira de disfarçar! E se alguém o viu? Como iria explicar estar vagando logo após o último convidado retirar-se de sua recepção de casamento? Todos em Londres iriam teorizar a respeito do porque ele não estava aconchegado na cama de sua esposa. Nunca ouviria o fim disto!

Ele seria uma piada! Seria mal falado e insultado, sua masculinidade questionada.

Os homens iriam ridicularizá-lo porque não pode seduzir sua esposa. Debateriam sobre exatamente o que ele tinha comprado, aceitando todo esse dinheiro.

As mulheres seriam mais malignas. Ririam por trás de seus leques, fofocando se ele tinha perdido seu infame vigor, se tinha sido incapaz de subir para a ocasião. Ou se, Deus me livre!, ele não a satisfez! Iam espalhar notícias que ela não tinha gostado, que jogou-o fora!

Ele podia justamente imaginar as zombarias e cruéis brincadeiras.

Em um canto arredondado, encontrou-se em uma área particularmente deserta onde estava escondido dos transeuntes, assim apertou a parte da frente da calça, desesperado para aliviar seu membro ereto. Seu membro estava tão dolorosamente duro que seus dentes lhe doíam. Não havia diminuído nem um pouco. Nem o passeio, nem o ar frio da noite, teve qualquer efeito sobre o rude mastro.

Vadiando, pensou em sua esposa, de como ela o olhou enquanto ele se envolvia com ela em cima da penteadeira. Nunca tinha assistido a uma visão mais gloriosa, erótica. Seu corpo, curvas bem proporcionadas, era o seu conceito de perfeição feminina. Larga onde devia ser, e fina onde também deveria estar. Sua pele era suave e cremosa, com os cabelos loiros, luxuosamente tentadores. Ela era o desejo encarnado, a fantasia mais selvagem de todos os homens, e poderia ter sido sua, se ele tivesse tido coragem de prosseguir.

Em agonia, esfregou a mão sobre o rosto, parando abruptamente quando percebeu que podia sentir o cheiro de seu sexo em seus dedos. Sofreu outra pontada de atormentada saudade, ponderando sobre ela e tudo que poderiam ter feito juntos.

Seus mamilos tensos! Seu envoltório apertado! Ele a queria como nunca havia desejado uma mulher, e desejava que tivesse coragem de avançar para a conclusão natural, que os levaria para o céu e além. Sem dúvida, ele teria vivido uma espiral de êxtase em seus braços.

Por que parou? O que tinha sido de seu raciocínio? A prostituta petulante tinha praticamente se atirado contra ele, praticamente implorou-lhe que a arrebatasse, mas ele se recusou a cooperar. Simplesmente porque ela era sua esposa. Quando ele tinha negado a si mesmo? O que o obrigava a começar agora? O objetivo era recusar-se a copular com ela?

Ele poderia tê-la toda noite, todo dia também, se estivesse disposto. Sempre e quando o humor o atingisse. Ela era uma moça livre, picante, pronta para a colheita, que se submeteria com despreocupado abandono, o qual raramente encontrou entre a tonelada de Jezebels que regularmente aqueciam-lhe a cama.

Então, se a tinha, tomaria outra mulher, mais tarde? Se ele tivesse uma amante ou duas ou dez, não era negócio de ninguém, senão seu próprio. Era seu direito. Lhe era devido. Poderia ter sua rotina e, quando o cheiro diminuísse, quando tivesse o suficiente e seu apetite por ela se dissipasse, poderia se divertir ao lado.

Se ela soubesse de suas infidelidades, se estivesse angustiada ou humilhada por elas, o que isso significaria?

Todo cavalheiro de meios tinha amantes. Era a norma. Esperada e permitida.

Sua satisfação pessoal era o único fator que importava. A doutrina de sua superioridade não adulterada havia sido perfurada dentro dele desde o nascimento. Acreditava nisto, se deleitava com as prerrogativas oferecidas a ele pelo seu elevado status, prosperava a partir dos princípios não-escritos que garantiam que poderia fazer o que quisesse e danem-se as consequências.

Por que, então, tinha sido tão difícil tomar o que queria dela? Por que tinha estado tão nervoso? Normalmente, brincava descuidadamente, saltando e divertindo-se através de um fluxo interminável de licenciosos, recreativos e perdulários jogos.

Implacável com a moral, os costumes sociais ou opiniões dos outros sobre propriedade, ele simplesmente intercalava a vida, aproveitando o momento e saboreando qualquer diversão que suas fantasias lhe conferiam.

Porque então não a agarrou, raptando-a para o arrebatamento que sabia que teria derivado?

Jesus! Estava tão confuso!

Pensando sobre, retardando a velocidade, deixou a paz e o sossego acalmá-lo. Errante, marchou para baixo em várias ruas indistintas, sem saber de seu destino. Não podia visitar qualquer um de seus lugares habituais, e não podia ir para casa. Ela estava lá, e, em seu estado desordenado, não poderia conceber de se aventurar no lado de dentro.

E se ela estivesse acordada? E se ficasse cara a cara com ela?

Tinha sido um burro, tinha lidado com ela como se ela fosse uma prostituta, e agora estava muito envergonhado. Vagueando, ele essencialmente acusou-a de ser uma prostituta! Queria saber se era virgem! Em sua noite de núpcias!

Que tipo de canalha desprezível era ele?

Apesar de suas falhas, tinha modos impecáveis, e sabia como agir o galante consumado quando a situação pedia por isto, ainda que ela tivesse deixado-o totalmente fora de equilíbrio, balançando de um indiscriminado comentário para outro, quando não tinha a intenção de dizer qualquer um deles.

Ele só estava mais ou menos... hum... curioso, apavorado e com raiva... e... e ...

Perversamente, sentiu a necessidade drástica de convencer-se que se comportava adequadamente. Nunca se desculpou por remorso, nunca expressou, ou tentou fazer as pazes. Como era um visconde que herdaria um condado, estava tão acima dos outros que, sem reflexão ou recompensa, poderia derrubar quem entrava em seu caminho, mas, neste caso, estava cercado com culpa.

Maldição! Nunca seria capaz de olhar nos olhos dela novamente!

Após a contemplação atenta, só podia concluir que ela tinha tido a intenção de seduzi-lo, e então, ser deflorada. A demora em seu quarto de vestir e em tirar a roupa tinha sido um truque propício para atraí-lo e desmoralizá-lo.

Mas por quê?

Qual poderia ter sido seu objetivo? Discutiram seu acordo, haviam concordado em conviver e ter vidas separadas. O que ela estava realmente querendo? Ele perguntou-lhe, e ela tinha dito que não queria nada, o que era obviamente mentira.

Evidentemente, ela inventou um sistema de laçá-lo em um relacionamento físico, para tornar seu casamento real em todos os sentidos da palavra, e a perspectiva assustou-o como o inferno fora dele. Que tipo de marido ele seria para a pobre menina? Por que ela gostaria que ele fizesse tamanho esforço?

Ele era um estragado, mimado, patife, que não fazia uma ninharia decente. Não podia ser contado, não era confiável, faria tudo para se beneficiar —ele, e somente ele —sem ter em conta a sensibilidade dos outros.

Era a sua natureza, a raiz de sua personalidade, e a razão pela qual casou sem nenhum de seus familiares no atendimento. Ninguém poderia lhe dizer o que fazer, forçar sua complacência, ou anular sua teimosia. Ele tomava suas próprias decisões, escolhia seu próprio caminho, e se os outros não gostassem disso, poderiam declinar.

Que mulher poderia vincular-se deliberadamente com um camarada desse? Se ele assumisse que poderia fazê-la feliz, ela estaria destinada a uma vida de decepção.

Talvez ele não fosse para casa! Passaria o resto de seus dias, rondando cegamente através de Londres, muito covarde em enfrentar sua esposa, pedir-lhe perdão, começar de novo, ou continuar.

Pausando para se orientar, verificou a linha de grades de ferro forjado, as sebes bem aparadas, as casas majestosas, quando ficou claro para ele que estava em pé na sua própria rua, a

sua residência no mesmo quarteirão. Enquanto presumia que estava vagando sem rumo, aparentemente, viajou em um grande círculo, e seus pés tinham automaticamente encaminhado-o de volta para onde começou.

Era este um sinal prodigioso? Ele quis retornar desde o princípio?

Em seu portão, subiu os degraus e demorou a se inclinar. Nenhuma luz emanava de qualquer das janelas. Esperava que isso significasse que ela desistiu de sua busca carnal e aposentou-se, assim ele poderia deslizar para seu quarto e rastejar para a cama sem ser detectado.

Atrapalhado com a trava, se esgueirou para o vestíbulo. A lua estava alta, inundando os degraus, assim não precisou de uma vela, e subiu para seu quarto de dormir, andando sem encontrar outra alma.

Soltando um suspiro de alívio, fechou a porta, virou-se e. . .

Lá estava ela, cochilando no meio de sua cama. Estava deitada em cima da colcha, como se não tivesse sido corajosa o suficiente para rastejar debaixo das cobertas, mas tinha demarcado seu lugar no centro, e parecia pertencer apenas onde estava.

Carrancudo, demorou, tocando em seus quadris, não certo do que fazer. Sua primeira inclinação era marchar sobre ela e sacudi-la, para reacender a discussão, o que não era uma boa ideia. Era evidente que ela tinha uma genialidade aguda e poderia ser melhor que ele em qualquer discussão. Não queria-a aqui, mas desgosto e perplexidade evitaram que berrasse o nome dela e enviasse-a correndo para seu quarto.

Ele casou-se com uma inquietante senhora, e ela não iria desaparecer no madeiramento como tinha ordenado, então teve que alterar seu plano de ação.

Andando na ponta dos pés até a cama, estudou-a. Ela estava vestindo seu escasso penhoar, o robe ausente, a camisola levantada nos joelhos, revelando suas longas, esbeltas pernas. Suas costelas levantavam e caiam em um ritmo vagaroso. Morta para o mundo, não despertou ao menor movimento de sua entrada, e ocorreu-lhe que ela estava exausta. Este tinha sido o dia do seu casamento, depois de tudo. A tensão sobre ela devia ter sido enorme.

A tarde e noite inteiras, ele lamentou e se preocupou com o fato de ter se casado com uma estranha, mas não tinha tomado um segundo pensamento em como ela tinha resistido à provação. Ela casou-se com um estranho também, em seguida, foi obrigada a hospedar-se em sua casa assustadora, exuberante, e fez isso sem um gemido de queixa.

Graciosa, encantadora, ela entrosou e conversou. Quando seus convidados foram embora, tinha recebido repetidamente tapinhas nas costas, enquanto seus amigos lhe informavam o quão afortunado era, pela captura que tinha feito, como ele tinha uma sorte dos diabos com as mulheres.

Ela parecia jovem e querida, e seu coração pareceu cair irregularmente. Ele massageou-se, tentando aliviar um pouco a súbita dor. Como era bonita, inteligente, sexy, era tudo que um homem poderia desejar em uma mulher. Por que ele tinha visto sua chegada como uma pedra de caminho, um impedimento? Por que não insistia em algumas das vantagens?

Ele avaliou-a mais alguns minutos, desconcertado, confuso sobre o que queria, e uma voz suave soprou para ele.

E se...? Perguntou. E se aceitasse o que ela estava oferecendo? E se a forjasse e a fizesse dele?

Em suas irreverentes incursões anteriores, ele habitualmente sentia-se como se estivesse procurando algo, mas nunca encontrou. Estava sozinho e não tinha amigos de verdade. As mulheres com quem se envolvia eram superficiais e libertinas, entorpecidas por sua riqueza e privilégio. Não tinham nenhum apego emocional para com ele, como também ele para com elas. Estava tão sozinho, querendo companhia, almejando satisfação, mas nunca atingiu um mínimo de conforto.

E se o prêmio que tivesse estado perpetuamente caçando fosse ela?

A ideia varreu-lhe como um raio brilhante de sol.

Atraente e irresistível, ela tinha fé nele, no tipo de cônjuge que poderia vir a ser. Parecia estar ciente dos aspectos menos agradáveis de sua personalidade, mas gostava dele mesmo assim. Se ele ousasse arriscar tudo, ganharia uma confidente, uma companheira da qual poderia depender, estimar, valorizar e proteger, e o conceito não soou tão ruim.

Por que... se ele a tratasse com decência, se deixasse que ela descobrisse o homem que ele era no fundo, ela poderia afeiçoar-se a ele. Eventualmente, poderia vir... a... amá-lo.

Ele sorriu. Seria maravilhoso ser amado por Ellen Foster St. John.

Calmamente, foi para o quarto de vestir e tirou a roupa. A tina de seu malfadado banho ainda estava no local, à água fria, e perguntou-se se ela tinha se lavado, após sua saída.

Tomando um pano, molhou-o e correu-o sobre a pele aquecida. Esperava que tivesse usado-o nela, pois gostava de supor que a água que o envolvia agora, tinha envolvido-a também. Terminando, enxugou-se com uma toalha, vestiu o robe, o cinto frouxamente preso em torno de sua cintura, então caminhou até seu quarto.

Deslizou para a cama, mas ela não se mexeu. Ansioso para observar tudo o que acontecia, acendeu uma vela, viu a chama cintilar sobre ele e estender-se, então largou-se para baixo. Seu quadril foi aninhado ao dela, seu tronco apoiado sobre um braço. Ele examinou-a, dissecando suas características.

Ela era uma maldita sedutora, e era dele.

Uma onda de possessividade ondulou sobre ele, e estava ansioso para fazê-la verdadeiramente sua, a pedido dela e mantê-la. Descansando a mão sobre seu estômago, ele acariciou a barriga em um lânguido círculo. Ela sorriu, em seu sono, alguma parte de seu inconsciente percebendo que era ele.

Debruçado sobre ela a beijou, um pincelar de lábios sobre o rosto aveludado.

—Ellen, ele sussurrou.

Carrancuda, ela rolou de costas, alongando-se, gradualmente despertando. Seus olhos se abriram, mas ela quase não reconheceu que ele estava pairando sobre ela.

—Ah... eu estava dormindo tão profundo. Ela piscou, então a agilidade restabeleceu-se com pressa. Seu sorriso vacilou. Timidamente, se aventurou —Olá.

—Olá.

—Você está aqui.

—Sim.

—Eu estava tão preocupada com você.

—Dei uma caminhada, mencionou simplesmente. —Precisava de algum tempo para pensar.

Ela assentiu com a cabeça. Claramente, tinha ficado infinitamente cogitando seu impasse, também.

—Quando você se foi, fiquei a vontade.

—Eu vejo isso. Olhando ao redor, ele riu. Um copo meio vazio de vinho estava na cômoda; seu manto estava caído sobre uma cadeira, os chinelos estavam ao lado do guarda-roupa. —É muito certo.

—Eu não quero lutar mais.

—Nem eu não pretendia. Estava... Estava... Estava o quê? Irado? Confuso? Excitado? Instável? Todas as condições aplicadas. —Não sei o que fazer com você.

—Nós descobriremos isso.

—Sim, espero que sim. Envergonhado, corou. —Não quis dizer o que disse a você anteriormente. Sinto muito. Foi um longo dia, e estava distraído. Não deveria ter...

Ela pressionou um dedo sobre seus lábios, sufocando o resto de sua confissão.

—Eu disse várias coisas que não quis dizer, de qualquer maneira... Um sorriso encantador vincou seu rosto. —Podia ter estado aferroando você. Apenas um pouco.

—Atrevida.

Um silêncio sociável desceu enquanto eles olhavam um ao outro, e foi superado por uma peculiar sensação, de que ele sempre soube que era ela, que ele tinha estado esperando por ela.

Cambaleando com surpresa e excitação, ele beijou-a. Foi um abraço suave que mudou totalmente quando ele estendeu-a na cama, de modo que o corpo dela estava tocando-o abaixo. Quando quebrou o beijo, ela estava olhando para ele tão ternamente que ele mal podia permanecer testemunhando seu afeto. Era perceptível, real, e derramou-se sobre ele. Como um cego que tinha estado vagando pelo deserto, procurando um oásis, e finalmente chegou a um, molhou-a, sedento do que ela poderia lhe dar.

Sentindo-se adorado e venerado, regalou-se com possibilidade de que ela podia ter se casado com ele por si mesmo, que queria-o e a nenhum outro.

—Vamos começar esta noite, sugeriu.

—Eu gostaria disso.

—Poderíamos começar com você me chamando de Stephen?

Ela estremeceu de alegria, um ruído agradável sacudindo sua barriga e seios.

—Você não se importa que eu o chame de lorde Banbury?

—Se me chamar de milorde mais uma vez, só poderei lhe estrangular.

—Vou tentar me conter.

Ela riu de novo, então diminuiu, e só existiam os dois, no silencioso quarto sombreado. O momento cresceu íntimo, dolorosamente e mil palavras estavam empoleiradas na ponta de sua língua.

Ele queria fazer amor com essa mulher —sua mulher. A prova era explícita por parte de seu membro firmado na coxa dela, mas também queria apenas conversar com ela. Surpreendentemente, estava desesperado para saber tudo sobre ela. Cada detalhe, pequeno e grande, era abruptamente primordial.

Qual era o seu prato favorito? Sua cor predileta? Quais eram seus passatempos? Ele estava curioso sobre a sua casa e a vida na América, porque tinha viajado para a Inglaterra em busca de um marido, porque tinha escolhido-o sobre os outros. Gosta de montar? Ler? Sabe tocar piano-forte?

Com o mesmo fervor que queria saber sobre ela, estava morrendo de vontade de tagarelar sobre si mesmo, e orava desesperadamente sobre o que ela iria perguntar, de forma que pudesse explicar as forças que moldaram-lhe. Ansiava por desabafar sobre sua terrível infância, sua falecida mãe de quem ele não se lembrava, seu pai, reservado, à distância, que castigava-lhe e o repreendia a cada dia, o desfile de governantas e tutores apáticos que haviam passado em um fluído fluxo contínuo.

Queria contar a ela sobre a babá dócil que cuidava dele quando tinha oito ou nove anos, como a mulher tinha sido despedida por segurá-lo enquanto ele chorava depois que seu gatinho tinha sido pisoteado por um cavalo.

Seu pai tinha insistido que ela ia transformá-lo em um maricas, que ele ia desenvolver-se em um alegre afeminado sob sua tutela, assim mandou-a embora, jogando-a na rua sem permitir que preparasse as malas. Stephen nunca tinha visto ou ouvido falar dela outra vez, e até hoje, mais de vinte anos depois, ainda especulava sobre o que lhe tinha acontecido.

Vários eventos fundiram-se para formá-lo em um homem áspero, indiferente, e estava convencido de que se contasse a Ellen suas experiências, ela entenderia porque ele era tão impossível, destacado e solitário no meio de tantos. Com uma certeza permanente, sabia que ela iria entender e, absurdamente, que corrigiria muitas de suas aflições, curaria muito do que sentia.

Detestáveis memórias abandonadas estavam aglomerando-se em sua cabeça, tantas delas que não podia controlar, e sentiu-se com nove anos de idade, mais uma vez. Era verdade que se soltasse um simples comentário, choraria como um bebê, então beijou-a em vez disso, com necessidade de estar perto, cercar-se de sua essência e feminilidade.

Sua proximidade era um bálsamo curativo, e, instantaneamente, estava pacificado.

—Eu ficaria muito honrado, cuidadosamente disse, —se pudesse te fazer minha esposa em todos os sentidos.

—Você quer que sejamos amantes?

—Sim.

—O que provocou sua mudança de coração?

Não poderia elucidar a árdua ruminação em que tinha se empenhado durante seu passeio, ou as impressionantes conclusões a que tinha chegado. Antes de seu casamento, pensou que

poderia frivolamente ter uma noiva, que poderia escolher alguém para exibir a seu pai, mas agora que tinha casado, teve a sua perspectiva alterada.

Ela era sua, apesar de seu estado de espírito idiota quando entrou na união, e era seu dever socorrê-la e preservá-la, além de respeitá-la e entesourá-la.

Foram aqueles malditos votos! Resmungou para si mesmo.

Recitou-os diante de Deus e da sociedade presente, como se uma obrigação, e, pela primeira vez, não se irritava com a responsabilidade. Uma pequena parte dele, que parecia estar se expandindo com alarmante rapidez, estava excessivamente feliz que ela apareceu em sua vida, mas ele nunca reconheceria tanto. Ainda não, de qualquer maneira. Um homem tinha permissão de ter alguns segredos.

—Vamos chamá-la de insanidade temporária.

—Vamos. Ela gargalhou e, em seguida colocou a palma da mão em seu rosto. —Você está absolutamente certo?

—Sim.

—Então, que assim seja!

—Você já...? Indelicadamente perguntou. Após a discussão anterior, não sabia o que iria encontrar. Se fosse virgem, não queria apressá-la ou dominá-la. Se não fosse? Ficaria desapontado, mas saberia lidar com isso, e teve que admitir que a falta de virgindade facilitaria as coisas!

—Não. Nunca fiz. Verdadeiramente casta, ela corou lindamente.

Não tinha previsto ficar tão animado com a notícia, mas seu alívio foi tão grande que sentia como se tivesse sido atingido com um aríete. O ar assobiou de seus pulmões, sua pulsação correu. Queria gritar com alegria, mas conseguiu esconder sua exuberante reação.

—Serei o primeiro. Ele não conseguia manter-se passivo.

—Estou feliz que será você.

—Oh, Ellen, murmurou feliz.

Ele prontamente entrou em pânico. O que ela imaginava ganhando um marido? Será que ele igualar-se-ia ao que ela queria? Será que o compararia a suas fantasias de donzela?

Como ansiava por satisfazê-la! Para encantá-la além dos limites!

—Você sabe o que acontecerá?

—Minha irmã Alice me disse.

Brevemente, conheceu sua irmã, e ela parecia uma espécie de indivíduo séria, sem tolices, como a própria Ellen, mas o que Alice teria dado como conselhos para sua noite de núpcias? Preocupado que poderia ter que derrotar a imprudente apreensão, perguntou:

—Você está preocupada com o que vai suceder?

—Um pouco. Mas, principalmente, estou excitada.

—Teremos o nosso tempo. Eu irei...

—Não contenha-se por minha conta, ela interrompeu. —Quero que você me mostre como verdadeiramente pode ser.

Como conseguiu ser tão sortudo? A noiva linda, cativante era temerária como o inferno! Que noite de núpcias esta iria ser! Estava exaltado quando colocou de lado suas asnáticas reservas! Só um tolo teria passado esta chance!

Procurou nos olhos dela vacilação, ansiedade ou medo, mas viu apenas uma curiosidade e ânsia de agradar que despertou seu apetite viril e fazendo-o selvagem em proceder, louco para saber como poderia ser glorioso.

Derrube-se lentamente! O alerta ecoou.

Estava tão excitado que sentia como se pudesse derramar-se contra sua perna como um inexperiente garoto de quatorze anos. Seu membro subiu pedindo atenção, levantando à frente de seu robe, com intenção em ser atendido imediatamente, mas não podia progredir tão rapidamente quanto sua anatomia ordenava-lhe para ir. Precisava familiarizá-la, deixá-la acostumar-se com seu físico masculino.

Deslizando sobre ela, cobriu-a com seu corpo, de modo que seu peso pressionava-a para baixo, suas coxas embalando as dela. Ele era duro, seu membro torturante, e ela alargou as pernas, de modo que estava aberta, ajustada. Em seu núcleo, o tecido de sua camisola e do penhoar parecia um amortecedor, prendendo seus quadris inertes, zeloso beijou-a.

Começou mansamente, suavemente, mas sua paixão por ela aumentava, e ele atormentou-a, acasalando sua língua com a dela em uma dança tórrida. Suas mãos foram para os seios, amassando os montes através do material macio e elegante. Ele brincou e brincou com os mamilos, impaciente para amamentar-se de um deles.

Mordiscando um caminho para baixo em sua garganta, enraizou-se e esfregou-se em sua segmentação. Ela cheirava bem, como sabonete e sono e óleo de rosa perfumada que tinha sido adicionada a seu banho. Inalou agudamente, querendo implantar os aromas em sua memória para que nunca esquecesse.

Seus seios eram tão bonitos, e ele massageava-os, tocando e dando forma. Então, puxou as alças da camisola, arrancando-as de modo que seu seio ficou exposto, para que a carne cremosa fosse oferecida para seu deleite e prazer.

Por um longo tempo, olhou-a, seu olhar poderoso e intenso, fazendo-a contorcer-se desconfortavelmente, então mergulhou para baixo e beijou-a nos mamilos, lavando-os, então sugando-o em sua boca.

Como um bebê, amamentou-se, embalado pelo precioso movimento, mas sua fome por ela era muito feroz, e a indulgência subjugada rapidamente aumentava de modo que estava usando seu grosso modo, beliscando e mordendo com pressão suficiente para fazê-la se contorcer.

Impiedoso, continuou onde sua pulsação estava martelando na base de sua garganta, sua respiração laboriosa e difícil, então mudou-se para o outro mamilo, dando-lhe a mesma turbulenta manipulação.

—Quero você nua, disse, quando abandonou seu inflamado busto e a beijava barriga abaixo.

—Sim. Oh, sim, ela gemeu enquanto ele beliscava seu umbigo.

Puxando sua camisola, desceu-a centímetro por centímetro, até a cintura, quadris, coxas e sobre seus dedos, em seguida, jogou-a no chão. Equilibrado sobre seu abdômen, posicionou-se entre as pernas dela, enquanto escavava através de sua barriga o tufo sedoso de cabelos femininos.

—Vou beijar-te aqui.

—Tudo o que você quiser. Ele engoliu em seco, lembrando-se que, embora ela tivesse liberado-o para começar, ainda era inocente.

Com dois dedos, tocou-lhe, encontrando-a molhada e escorregadia, e mergulhou para dentro, acariciando-a, preparando-a para o que estava por vir. Ela estava apertada e molhada, e seu pênis inflou-se em um comprimento embaraçoso, arremessando-o a um nível assustador de desejo. Para manter o ritmo lânguido, teve que reunir toda a sua força de vontade, e lutou contra o impulso selvagem de fixá-la no colchão e levá-la, brutal e asperamente, ignorando totalmente seu estado virginal.

—Você está tão pronta para mim.

Incapaz de demorar-se, provou-a, e seu sabor era de uma erótica ambrósia que chamava seus instintos perversos. A afrodisíaca fragrância que reconheceu, o tentou de uma forma tão primitiva que ia muito além da rima ou razão.

Arremessando suas coxas sobre seus ombros, estabeleceu-se, saboreando-a, então, perseguiu sua saliência sexual. Estava tensa e ampliada, e roçou sobre ela, escovando-a com golpes rápidos. Ela arfava e mexia-se enquanto ele segurava-a infligindo o emocionante castigo.

Na borda, ela combateu a maré, mesmo enquanto seu corpo a levava para o climático fim. Lutava contra o ataque, mas ele não a deixava escapar da torrente. Puxando, seus quadris trabalhando contra sua boca. Ela estava tão perto. Tão perto.

—Vamos, querida.

—Eu não posso. Os barulhos deliciosos de querer e precisar emanavam da parte de trás de sua garganta. —É demais. Muito em breve.

—Faça isto por mim, Ellen. Vamos. Ele estendeu a mão e agarrou seus mamilos, apertando-os enquanto embrulhava os lábios ao redor do pedaço exposto que lhe traria o arrebatamento final.

—Stephen... Oh...

Sua vigorosa esposa confiou o suficiente para saltar a um poderoso orgasmo. Como ela resistia e debulhava-se, ele montou a onda com ela, abraçando-a e afagando-a enquanto a espiral ia para cima, para cima, em seguida, caiu por terra, e ele estava lá para pegá-la.

Deliciando-se com sua barriga, seios, os lábios de rubi, sentiu uma amostra do sexo em sua língua, mas não podia esperar mais um segundo para tê-la, assim soltou o cinto de seu robe, torcendo as lapelas de lado. A excitação balançou-o enquanto seu torso nu conectava-se com a dela.

—Stephen... isso foi... Foi... Espetacular.

—Sim. Ele beijou sua testa, seu nariz. As bochechas foram se acalmando de seus esforços, e ela sorria para ele com um carinho profundo.

Perto do amor, pensou.

Ela poderia amá-lo? Que ideia maravilhosa! Como esperava isso dela. Passou a vida inteira evitando a fixação de qualquer mulher, mas agora, com sua esposa olhando para ele, brilhando na sua experiência inaugural para o coito, não podia imaginar por que tinha evitado a situação.

—É hora, Ellen. Beijou-a novamente, afundou seu membro, estabelecendo-se em seu centro.

Com ansiedade virginal aparente, ela suplicou.

—Tome-me suavemente.

—Sempre, prometeu.

Ele aliviou-se, a coroa cega alongando-se, em seguida, empurrou um pouco mais. Seus olhos se arregalaram em sua invasão, e ele parou, deixando-a adaptar-se, em seguida, avançou até que estava firmado dentro, pressionando contra a barreira virginal que bloqueava sua passagem.

—Você é tão grande. Uma carranca franzia-lhe a testa, e ela torceu o quadril de um lado para outro, uma resposta inata para fugir da incursão. —Dói.

—A dor é normal. Ele mal conseguia se segurar em pausa. —Fique quieta. Tente relaxar.

—Por favor... Eu...

Com um medo típico do desconhecido, ela estava em pânico, e ele entendeu que deveria fazer uma pausa, talvez recuar para deixá-la adaptar-se mais plenamente, mas estava além do ponto da lógica ou da retenção. Precisava estar dentro dela.

—Não tenhas medo.

Segurando seus quadris, ele se firmou, mas ela estava lutando com força, frenética para escapar do inevitável. Ele sabia que era errado estar excitado por sua luta, mas seu alarme elevava seu ardor a um entalhe superior, e preparando-a, mergulhou dentro em um impulso único e suave.

Ele foi seu primeiro! Seu primeiro! Orgulho e arrogância subiram-lhe.

Não importa o que aconteceria entre eles no futuro, este fato extraordinário não poderia ser alterado. A perigosa vigilância inundava-o, e jurou a si mesmo que ela nunca iria conhecer intimamente um outro homem. Que iria cuidar dela, fazê-la feliz, para que ela quisesse ficar só com ele.

Ela arqueou para cima fora da cama. Chorando de desespero, e ele capturou seu lamento com um beijo ardente.

—Ssh, ele a acalmou, —isto é o pior disto.

—Não acreditei que você iria caber.

Ele anulou um sorriso insolente. Era um homem robusto, e ela tinha um refúgio, abrigo estreito, liso que o embalaria por anos de excesso divino.

Seus músculos internos contraídos em torno de seu mastro, sua virgem de sangue e um fumegante caldeirão de suco sexual, persuadindo-o a culminação, mas ele cerrou os dentes, socando-se em sua necessidade veemente de satisfação.

Eventualmente, ela suavizou, a tensão diminuiu, e ele repousou com ela, soltando-se até descansar em cima dela, sentindo-a por toda a parte. Timidamente, seus braços foram em torno dele, e trêmula, ela sorriu e abraçou-o. Ele deu um beijo de certeza contra sua nuca.

—Melhor? Perguntou.

—Muito.

Ele levantou-se, equilibrando-se sobre as mãos, e estudou a cena carnal mostrada abaixo.

Ela era uma fantasia lasciva realizando-se. Seu cabelo loiro estava espalhado por seu travesseiro, seu corpo separado e pronto a recebê-lo. Ele olhou abaixo; para os seios, para os bicos em cor de pêssego que estavam eretos e excitados. Os cabelos de ouro de seu monte, fazendo cócegas e massageando o pênis túrgido. Ele enterrou-se até o cabo, sua anatomia aceitou cada centímetro que ele tinha para dar.

Seu olhar viajou ao encontro dela, e ela estava olhando para ele com carinho tal que balançou seu coração em seu peito.

Poderia amar essa mulher, percebeu, e a esplêndida perspectiva o fez sorrir também. Transbordando de desenfreada alegria e devoção, começou a se mover.

—Deixe-me mostrar-lhe como termina.

Capítulo quatro

Ellen estava eufórica.

Era uma mulher agora. Stephen tinha-a feito mulher, e ela estava em êxtase. Tanto pela perda de sua muito lamentada virgindade, e porque ele tinha sido o único a aliviá-la disso.

Para sua enorme satisfação, ele despertou-lhe com beijos, desculpas e mais e ela não conseguia parar de conjecturar se estava no meio de um feliz sonho erótico. Arqueou sua pélvis, apenas para que pudesse detectar a dor entre suas pernas.

Seu membro estava totalmente implantado. Ele havia tomado-a! Realmente tomado-a!

Ele permaneceu acima dela, suas palmas achatadas em ambos os lados da cabeça. A cada inserção, sondava-a exaustivamente, seu corpo inexperiente mudando e adaptando-se as novas sensações criadas por sua entrada.

A antecipação tinha acabado, sua virgindade obliterada, e teve sucesso com ele sem fazer-se de tola. Ela estava começando a se adaptar à sua presença. Na verdade, a cada flexão estava começando a sentir-se bastante agradável. Um formigamento inflamou-se abaixo em sua barriga e irradiava de seu núcleo feminino a seus mamilos. Estava ficando excitada e, considerando quão fervorosamente tinha encontrado liberação pela primeira vez, a segunda oportunidade com ele dentro dela, seria ainda mais dinâmica.

Ele ainda estava vestido com o casaco, apesar deste estar aberto na frente. Seus braços estavam cobertos, coxas e pernas também, e ela queria-o nu como ela, desejava banquetear seus olhos sobre a sua carne suave, observar os mistérios de seu delicioso torso masculino.

—Eu quero essa coisa fora de você.

—Nunca deixe ser dito, ele cessou suas calculadas penetrações, —que lorde Banbury negou o pedido de uma senhora.

Urgente, ela arrancou a roupa, e moveu-se sobre ele, ajudando-o a despir-se. Logo, o casaco foi desalojado, e ele pairava sobre ela, demorando, deixando seu olhar preenchê-la.

Ele era magnífico. Seus ombros eram largos, os braços tonificados, sua cintura fina. O peito revestido com uma esteira grossa de cabelos escuros que espanava seus mamilos, em seguida, desciam para o umbigo e para baixo em torno de seu ninho masculino.

Timidamente, ela estendeu a mão e pousou-as sobre ele, encontrando casualmente cume e vale, tendões e músculos. A almofada de cabelo fazia cócegas, ela vasculhou a pilha intrigante, esfregando o nariz nele. Ele riu, um barítono estrondo que reverberou em seus poros.

Ele gostava de sua manipulação, ela podia dizer por suas reações, de modo que ficou mais ousada, imergindo até acariciar o local onde eles estavam unidos, perambulando atrás de sua arredondada nádega tensa.

Empoleirado acima dela, tenso e ágil, sofria com sua viagem de descoberta virginal até que ela decidiu explorar seus mamilos. Quando pegou a minúscula protuberância entre o polegar e o indicador, enviou-o ao longo da borda sobre a qual estava precariamente equilibrado.

Impaciente, bateu nas mãos dela.

—Jesus, tenho que vir, disse. —Agora! Não posso esperar!

—O que devo fazer?

—Segure-me apertado. Não me deixe.

—Não vou.

Ela aconchegou-se ao seu peito enquanto ele acomodava-se abaixo, beijando-a e brincando com seus seios. Meticulosamente, ritmicamente, ele impulsionava, estimulando o avanço cada vez mais perto do precipício.

A ascensão do desejo dele alimentava o seu próprio, e, sem aviso, um orgasmo estupendo varria-a para longe.

Como tinha suspeitado, com ele dentro ela era incrivelmente mais potente, e ela agarrava-se a ele, necessitando-o como seu ponto estável, enquanto voava por todo o universo. Mesmo em sua condição excessivamente estimulada, ele estava consciente de sua situação drástica. Envolveu-a em seus braços, embalando-a através do tumulto.

—Stephen... Ela gemia, a única palavra que parecia sólida no local tórrido em que ela viajava.

—Você é minha, Ellen, ele estava atento, fascinando-a com a sua possessividade. —Toda minha!

Ela discerniu uma voz gritando seu nome mais uma vez, e vagamente reconheceu-a como a sua própria. Nunca parecendo atingir o pico, deslizava mais e mais, e ele continuava a mergulhar nela ao longo da espiral.

Ele também abordou o pináculo, trabalhando em uma exaltação frenética. Sem nenhum respeito à sua circunstância inexperiente, tomou-a fortemente. Não conseguia o suficiente dela,

não podia impulsionar forte o suficiente ou mergulhar profundamente. Suor reunia-se em sua testa e no peito, seu membro rígido com a tensão.

Empurrando dentro dela, uma, duas, três vezes, ele congelou, seu corpo rígido e inflexível. Demorou lá, sua vara firmemente incorporada. Seu clímax começou, e ele torcia o braço em torno dela, agarrando-a para si, apertando-a tão fortemente que ela estava preocupada que ele pudesse rachar um de seus delgados ossos.

O assombroso gemido ecoou fora, e ele estremeceu. Dentro dela, seu membro pulsava enquanto sua semente quente jorrava a partir da ponta e inundava seu ventre. A impetuosa emissão jorrou, uma e outra vez, seu prazer interminável, como se ele não conseguisse encontrar o caminho até o fim.

Instintivamente, ela enrolou as pernas em torno dele, os dedos apertando suas nádegas, puxando-o para dentro, abraçando-se a ele enquanto se esvaziava.

Ao final, com uma sacudidela, um tremor violento, ele estava saciado. Relaxou e caiu sobre ela, esmagando-a contra o colchão, mas ele não se sentia pesado. Sentia-se bem-vindo, e ela apreciou sua conexão e a oportunidade de compartilhar um momento tão íntimo e privado com ele.

Ele não segurou nada, tinha descoberto sua alma, tinha mostrado-lhe o território mais secreto de seu coração. O encontro foi impressionante, notável, além de seus sonhos, os quais tinham sido bastante tempestuosos. Ele tinha-lhe dado tudo que ela tinha desejado e mais, e ela ficou emocionada pela forma como a atribuição tinha progredido.

Alice tinha insistido em que o ato conjugal melhorava com a repetição, que seus compromissos sexuais aumentariam em satisfação e prazer. Se ele podia ser excitante, desenfreado e divertido depois de sua tentativa inicial, o que estava em seu futuro?

Ellen viu anos, ou melhor, décadas! De jogo de amor tempestuoso, impetuoso como o seu destino.

Ele estava brutalmente aflito por seu divertimento carnal. Sua testa estava enterrada no travesseiro ao lado dela, seus pulmões lutavam por ar. Seu coração martelava, batendo atrás de suas costelas.

Ela massageava seus ombros, costas e braços, aliviando-o, ajudando-o a recuperar seu equilíbrio. Finalmente, ele soltou um forçado suspiro, e sua perturbação física diminuiu. Permaneceu onde estava, deitado em cima dela, sua forma masculina alfinetando-a abaixo. O tamanho do membro —indevidamente grande encolheu um pouco, mas, como se já estivesse pensando em outra rodada, a rigidez não enfraqueceu totalmente.

Fechando os olhos, ela embebeu seus sentidos, querendo lembrar de cada detalhe, para que sempre pudesse recordar vividamente cada aspecto do fabuloso evento.

Mas enquanto descansava, uma noção preocupante ocorreu-lhe: E se ele não tivesse achado a cópula extraordinária? E se tudo o que aconteceu, para ele fosse como os típicos flertes com suas numerosas amantes?

Como ela poderia saber a resposta? Não era como se pudesse simplesmente deixar escapar sua pergunta!

Se ele caracterizasse o fato como extremamente normal, ela morreria de humilhação!

Ele mexeu-se e beijou a bochecha dela. Ela podia sentir-lhe sorrir, e a perspicácia trouxe um sorriso a seus próprios lábios. Ele rolou para o lado, virando-a com ele, de modo que se enfrentavam um ao outro. Seu pênis ainda estava firmemente arraigado, pouco atenuado, quando colocou a mão em seu quadril, fazendo círculos preguiçosos acima e abaixo em seu flanco.

Por um longo tempo, eles se olharam fixamente, e Ellen estava muito confusa para falar. O que uma mulher poderia dizer depois de uma milagrosa reunião de corpo e espírito? Ela estudou-o, tentando recolher uma pista de seu estado mental, mas por mais que tenha sido completamente informada sobre ele no decorrer da pesquisa que os homens de seu pai fizeram antes do casamento, não sabia muito sobre ele, pessoalmente, e assim não podia decifrar seus pensamentos.

Ele parecia feliz. Disposto. E intensamente satisfeito. No entanto, como poderia ter certeza?

—Quando você está no auge da paixão, me chama de Stephen. Ele traçou um dedo sobre seus lábios. —Eu gosto disso.

Ela riu. Como ansiava absurdamente por declarações de afeto e carinho, seu comentário foi notavelmente diverso do que esperava ouvir, mas não deveria estar surpreendida. Ele era vaidoso, pomposo, arrogante, impossível. E ele era dela.

Ela estava tão feliz!

—Você está orgulhoso de que pode facilmente aferroar-me além dos meus limites?

—Absolutamente.

—Besta vã.

Ele riu novamente, e era um som alegre, que fazia ondular borboletas em seu estômago.

—Você será muito boa para meu ego, lady Banbury.

Durante o difícil dia, ela não passou muito tempo considerando seu título, e ele era excessivamente arrogante enquanto jogava-lhe isto nela.

—Salafrário, ela repreendeu-o. —Estou ciente de suas imperiosas tendências, milorde marido, e acho que não vai doer-lhe se for colocado em seu lugar de vez em quando.

—Não, acho que não vai.

A brincadeira sumiu, e ele persistiu com sua avaliação, deixando-a intensamente nervosa. Ela não conseguia entender por que ele fazia. Queria confiar nela? Para desafogar a si mesmo? Em que tópico?

Em vez disso, ele fechou a distância entre eles, e beijou-a, com doçura, escovando seus lábios com os dela. O gesto precioso era tão caro que lágrimas brotaram em seus olhos, e ela detestou ser inundada pela emoção. Alice tinha avisado que ela seria afetada de forma que nunca tinha imaginado, mas da mesma maneira que ele era um homem orgulhoso, ela também era uma mulher orgulhosa. Ellen não queria que ele visse o quanto ela estava tocada por aquilo que tinham feito.

De repente ele se afastou, gentilmente sondando.

—Você está bem?

—Definitivamente, argumentou, mas as lágrimas ameaçavam cair. Ela lutou bravamente para mantê-las, sem derrubá-las, mas uma ou duas caíram sobre seu rosto.

Stephen esfregou-as com o polegar e beijou-as onde estavam.

—Eu fui muito duro?

—Não.

Ele corou, parecendo ingênuo e pouco sofisticado como um jovem rapaz.

—Você está certa? Estou tão apaixonado por você que fui levado para longe. Devia ter sido mais disciplinado... Devia ter me refreado em... Devia ter...

Ela cortou-lhe a ladainha de protesto.

—Foi maravilhoso, mas um pouco desconcertante.

—Pode ser. Especialmente no começo.

Ela reuniu coragem, então arriscou:

—É sempre assim?

—Não, minha querida, Ellen. Nunca é.

—Então, por que...?

Ela não conseguia verbalizar o que havia acontecido entre eles. Não tinha palavras em seu vocabulário que encaixavam, e ele veio em seu socorro, acabando o interrogatório para ela.

—Então, por que foi tão poderoso?

—Sim.

—Nós temos uma afinidade incomum, você e eu.

—Por quê? Ela repetiu.

—Não sei. Acontece. É um dos grandes mistérios da vida.

Alice tinha afirmado que as pessoas podiam apaixonar-se em um instante, mas Ellen não tinha acreditado nela. Agora, parecia que ele estava dizendo a mesma coisa, que eles foram feitos um para o outro, que pertenciam-se.

Ele estava surpreso e confuso e estranhamente inspecionava-a, como se não lutasse com sua própria atração dramática.

Ousaria que ela assumisse que o encontro amoroso foi tão profundo para ele como tinha sido para ela?

De repente, tímida, o que era bobagem, tendo em conta sua nudez e o que eles tinham acabado de fazer, ela perguntou:

—Você acha que poderíamos fazer isso de novo?

—Assim que recuperar o fôlego, sua jovem indecente. Brincando, ele golpeou-a na parte traseira. —Vamos fazê-lo durante toda a noite, se eu puder acompanhar você.

—Nós só nos conhecemos por algumas horas, e você me transformou em uma devassa.

—Sorte minha. Deu outra palmada. Então sua alegria esmoreceu, e ele ficou sério. —Posso lhe fazer uma pergunta?

—Certamente.

—Bem, você esteve em Londres durante todo o mês, em busca de um marido, e foi apresentada a muitas pessoas. Eu não estava mesmo no mercado para uma mulher, mas você

fixou suas vistas em mim, e agora, aqui estamos nós. Ele fechou a cara, seu enfado evidente. —Só estava me perguntando: enquanto poderia ter tido qualquer pessoa, porque me escolheu?

—Eu tinha muitas razões.

—Qual foi o fator decisivo?

—Você realmente quer saber?

—Sim.

Nada tinha sido aleatório em sua escolha. Ela estava tentada a reconhecer como frequentemente ele tinha sido seguido, como amplamente examinaram seus antecedentes e finanças, como deliberadamente ela e seu pai haviam discutido os prós e contras, as muitas vezes em que ela e Alice tinham dissecado sua provável vida sexual e outros hábitos viris, mas guardou toda a história para outro dia.

Ele era excessivamente narcisista. Não havia sentido em deixá-lo deduzir encantado como tinha sido, ou quão desesperadamente ela queria-o, ou como os outros empalideciam em comparação.

Deu-lhe um pedaço da verdade.

—Porque você tem um traseiro muito bonito.

Incrédulo, ele olhou para ela, então caiu na gargalhada, tremendo de alegria. Girou para longe dela, seus corpos separando-se enquanto ele atirava-se de costas em uma gargalhada incontrolável.

Quando podia terminar uma frase, virou em direção a ela, mais uma vez.

—E uma... Um... traseiro bonito é importante pra você?

—Extremamente.

—E que outros sublimes atributos seduziram-lhe em meu favor?

—Bem, você é um companheiro robusto. Muito vigoroso também!

—Vigoroso e robusto?

Ela moveu as sobrancelhas em um convite impertinente.

—Minha irmã me convenceu de que sua constituição licenciosa empurrava-o para o topo da lista.

Espantado, tragou em desânimo.

—Você discutiu as minhas... minhas... lascívias propensões com sua irmã?

—Incessantemente.

Gemendo, liberou as pontas de seu cabelo e deitou sobre suas costas mais uma vez, atirando seu braço sobre os olhos.

—Nunca serei capaz de enfrentar qualquer familiar seu novamente. Após uma breve reflexão, olhou para ela. —Espere um minuto... Como você sabe tanto sobre o meu comportamento?

—Você não acha que vim para este casamento cega, não é?

Ele levantou-se em seu cotovelo.

—O que você quer dizer?

Ela piscou para ele, tentando manter o olhar enigmático, e ele fastidiosamente leu-o, sua mente chicoteando através das possibilidades.

—Você pesquisou! Você esteve me investigando!

—Talvez um pouco, admitiu. Divertida, enquanto ele estava em pânico e horror, ela se inclinou para frente e aconchegou-se a ele. —Eu queria alguma emoção no meu casamento. Você não teria se casado algum bode velho, teria?

—Sua tratante desonesta!

Sedutora, ela se esfregou contra ele, muito parecida com um gato contente, festejando a forma como se fundiam, como o cabelo do corpo causava-lhe cócegas. Ele gostou disso também. Lá embaixo, seu membro começava a endurecer.

—Se você for realmente, realmente agradável comigo, lhe mostrarei os arquivos.

—Os arquivos!

—Páginas e páginas. Tudo sobre você e seu comportamento disparatado.

—Oh, meu Senhor. Surpreso e chocado, rodou de novo.

Ele tinha boas razões para estar aterrado. As informações acumuladas pintavam um quadro sombrio ou atrativo, dependendo do ponto de vista.

Felizmente para ela, queria um marido que era indomável, livre de convenções, e apenas um pouco indecente. Ele se encaixava perfeitamente.

—Escolhi você por causa dos relatórios, disse ela, e descaradamente subiu em seu colo, seu membro ereto, uma cunha entre as pernas. —Com base nas informações recolhidas, eu sabia que você era o homem ideal para mim.

—Você está brincando.

Ela sorriu para ele. Como era bonito. Tão atraente. Tão irresistível.

—Você vai ser um bom marido, Stephen St. John.

Depois de uma hesitação significativa, ele sorriu de volta.

—Eu só poderia ser.

Ele derrubou-a, fazendo com que ela caísse sobre o peito, e beijou-a profundamente, fazendo-a regozijar-se com a felicidade. Seu abraço era para sempre e, quando os lábios se separaram, ela foi despertada novamente, o coração batendo forte, sua pele formigando, seus mamilos contraídos e doloridos.

Embora estivesse ferida, ela pulsava com a necessidade. Não podia suportar sua separação, e desejava que ele se juntasse a ela uma segunda vez.

—Eu tenho uma pequenina confissão a fazer.

—O que é isso?

—Quando disse que não queria filhos, estava mentindo. Sentou-se em suas coxas, baixando a suas partes íntimas, para que ela pudesse dobrar-se através de seu falo alargado. —Eu realmente espero que nós tenhamos uma dúzia.

Intrigado, ele se animou.

—Uma dúzia?

—Sim.

—Bem, então, milady, é melhor começar.
Ele virou as costas para ela e se dedicou à tarefa.

Fim



Comunidade: http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7

Grupo: http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR

Blog: http://tiamatworld.blogspot.com/

Formatado: Inglês (EUA)
Código de campo alterado
Formatado: Inglês (EUA)
Formatado: Inglês (EUA)